



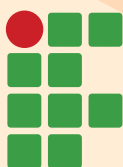
A LEITURA DE POESIA NO AMBIENTE PRISIONAL:

ENCONTROS FORMATIVOS A PARTIR
DE MAGMA DE GUIMARÃES ROSA

JOCEMARA MATILDE DOS SANTOS
LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO

A LEITURA DE POESIA NO AMBIENTE PRISIONAL:

ENCONTROS FORMATIVOS A PARTIR
DE MAGMA DE GUIMARÃES ROSA



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO
Campus Vitória



PPGEH

Programa de Pós-Graduação
em Ensino de Humanidades
Instituto Federal do Espírito Santo

1ª edição
2025



JOCEMARA MATILDE DOS SANTOS
LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)**

S237L Santos, Jocemara Matilde dos.

A leitura de poesia no ambiente prisional [recurso eletrônico] : encontros formativos a partir de Magma de Guimarães Rosa / Jocemara Matilde dos Santos, Leticia Queiroz de Carvalho. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2025.

92 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-5331-081-0 (*E-book*)

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. 2. Dialogismo (Análise literária). 3. Educação não formal. 4. Professores – Formação. 5. Humanidades. I. Carvalho, Leticia Queiroz de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 469.07

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG – 3.116

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE HUMANIDADES - PPGEH**

Av. Vitória, 1729 – Jucutuquara Vitória - ES
CEP: 29040-780

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof^{fa}. Dra. Margareth Martins de Araújo - UFF
Prof^{fa}. Dra. Dilza Côco - IFES

DIAGRAMAÇÃO/ILUSTRAÇÃO

Aline Antonio – (27) 99807-3770

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

PPGEH / IFES



INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

JADIR JOSÉ PELA
Reitor

ANDRÉ ROMERO DA SILVA
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

RENATO TANNURE ROTTA DE ALMEIDA
Pró-Reitor de Extensão e Produção

ADRIANA PIONTTKOVSKY BARCELLOS
Pró-Reitora de Ensino

LEZI JOSÉ FERREIRA
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

LUCIANO DE OLIVEIRA TOLEDO
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

IFES – CAMPUS VITÓRIA

HUDSON LUIZ CÔGO
Diretor Geral do Campus Vitória – Ifes

LUCIANO LESSA LORENZONI
Diretor de Ensino

TELMA CAROLINA SMITH
Diretora de Extensão

ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI
Diretora de Administração

ANDRÉ GUSTAVO DE SOUSA GALDINO
Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

NELSON MARTINELLI FILHO
Coordenador do PPGEH





DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Nível de Ensino a que se destina o produto: Ensino Básico e Superior

Área de Conhecimento: Ensino

Público-Alvo: Professores e profissionais da área de Humanidades atuantes em escolas do ambiente prisional.

Categoria deste produto: Didática

Finalidade: Auxiliar professores e profissionais com atuação em qualquer nível, nas práticas de leitura literária no contexto da Educação Básica, sobretudo do ambiente prisional capixaba.

Organização do Produto: O produto foi estruturado em seis capítulos, a fim de inspirar educadores, alunos e a comunidade escolar com o incentivo e a promoção da leitura no contexto das escolas públicas do ambiente prisional.

Registro do Produto: Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES, Campus Vitória.

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: Meio digital

URL: Produto disponível no site do PPGEH: <https://ppgeh.vitoria.ifes.edu.br/>

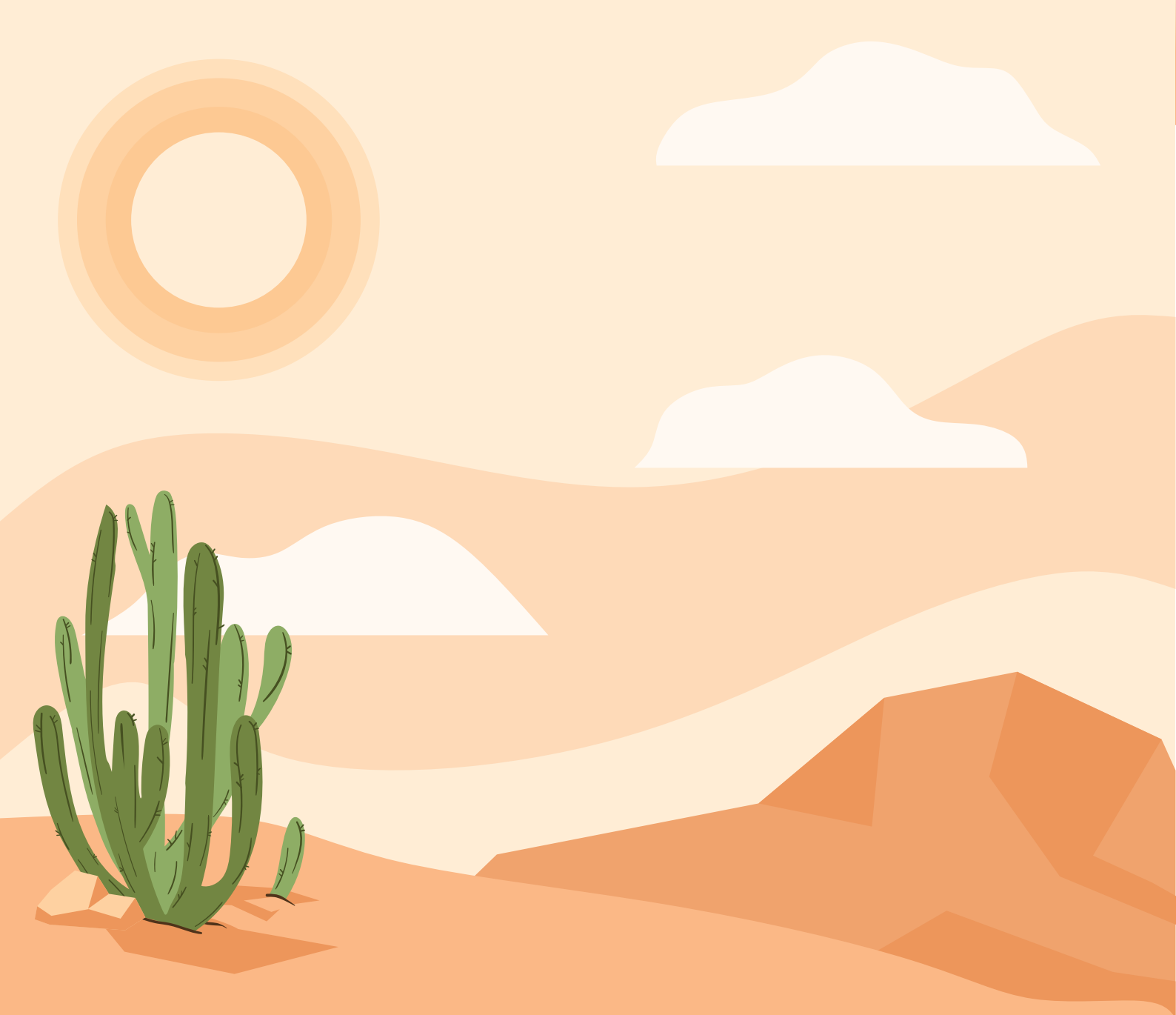
Idioma: Português

Cidade: Vitória País: Brasil

Ano: 2025

Origem do Produto: Trabalho de Dissertação intitulado “O TEXTO LÍRICO NA EDUCAÇÃO LITERÁRIA EM ESCOLAS DO SISTEMA PRISIONAL CAPIXABA: DIÁLOGOS DOCENTES COM A POESIA EM *MAGMA* DE GUIMARÃES ROSA”, desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades, do Instituto Federal do Espírito Santo.

Agradecimentos: Ao PPGEH, aos professores participantes, alunos e voluntários.



NOTA

As ilustrações deste Produto Educacional foram desenvolvidas pela ilustradora Aline Antonio; e as imagens e textos utilizados neste material de circulação gratuita foram retirados de sites abertos, de acesso público. Em respeito aos autores e aos direitos de criação, citamos os links dos textos ou imagens e referenciamos as respectivas fontes. Nossa finalidade, com esta publicação, é tão somente educativa.

AUTORAS

JOCEMARA MATILDE DOS SANTOS



Licenciada em Letras - Português pela Universidade Federal do Espírito Santo e Mestranda em Ensino de Humanidades pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo - Campus Vitória, onde pesquisa questões sobre a leitura de poesia e a formação docente no ambiente prisional capixaba. Atua

como professora de linguagens e de língua portuguesa na educação básica. Integra o grupo de pesquisas Núcleo de Estudos em Literatura e Ensino (IFES-Campus Vitória).

LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO



Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), com lotação no campus Vitória e atuação na Área de Letras e Educação, na graduação presencial em Letras-Português, na graduação a distância em Letras-Português e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) e Mestrado Profissional

em Letras (PROFLETRAS). Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF (2022), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2012); Mestre em Estudos Literários pela UFES (2004) e Licenciada em Letras-Português pela UFES (1999). Integra o Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH - UFES). É líder do grupo de pesquisas Núcleo de Estudos em Literatura e Ensino (IFES-Campus Vitória).

APRESENTAÇÃO

Este produto educacional é vinculado à linha de formação de professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) e possui como objeto de pesquisa: a leitura de poesia e a formação de mediadores de leitura em escolas do sistema prisional do ES, a partir do livro *Magma*, de João Guimarães Rosa.

Durante o nosso processo investigativo, tivemos, como público-alvo, professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Nelson Mandela, que é uma instituição educacional da EJA (Educação de jovens e adultos) do sistema prisional do Espírito Santo, situada no município de Viana, no estado do Espírito Santo e vinculada à rede estadual de ensino desse estado.

O recurso educacional apresentado decorre da proposta interventiva presente na pesquisa: “O TEXTO LÍRICO NA EDUCAÇÃO LITERÁRIA EM ESCOLAS DO SISTEMA PRISIONAL CAPIXABA: DIÁLOGOS DOCENTES COM A POESIA EM *MAGMA* DE GUIMARÃES ROSA”, por meio da qual foram realizados encontros sistemáticos com mediadores de leitura – professores, pedagogos, gestores, bibliotecários e interessados no tema, os quais atuam no contexto da Educação de Jovens e Adultos no ambiente prisional capixaba.

O objetivo deste produto, caracterizado como um relatório de atividades, consiste em apresentar o caminho percorrido nos encontros formativos realizados entre fevereiro e maio de 2025, em que foram feitas proposições pedagógicas de leitura alinhadas ao contexto da formação de leitores nesses espaços educativos, de modo a subsidiar os docentes e profissionais da educação que atuam com a leitura literária no sistema prisional.

Nosso produto educacional foi organizado a partir da apresentação do percurso em nossos encontros com a comunidade educativa da EEEFM Nelson Mandela, por meio de sugestões pedagógicas para possíveis reflexões e atividades de leitura do texto lírico de Guimarães Rosa do livro *Magma*, em cotejo com autores representativos da educação literária.



Temos expectativas que tais propostas poderão contribuir com as práticas de leitura na área do ensino na educação básica e possibilitar novos debates e sugestões sobre a educação literária, por meio da leitura do gênero lírico no ambiente prisional e nos desdobramentos dessas atividades para a formação cultural dos leitores privados de liberdade.

Cabe ressaltar que nossas propostas estavam inseridas em um tempo e espaço singulares e, por isso, não temos a pretensão de que sejam vistas como um recurso padronizador das práticas de leitura, mas sim como uma das referências possíveis para potencializar a mediação literária do gênero lírico nas práticas pedagógicas das escolas prisionais.

Portanto, esperamos que os leitores e as leitoras desse produto possam sentir-se à vontade para ajustes, novas propostas e adaptações necessárias aos seus reais contextos educacionais.

Boa leitura!

As autoras





APRESENTAÇÃO.....08

OS ENCONTROS FORMATIVOS:

1º ENCONTRO.....12
DIÁLOGOS INICIAIS

2º ENCONTRO.....25
AINDA AO SOM DO "BATUQUE"

3º ENCONTRO.....40
LEITURA DE POEMAS
NA SALA DE AULA

4º ENCONTRO.....51
DIÁLOGOS COM A
PRÁTICA PEDAGÓGICA

5º ENCONTRO.....63
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
COM MAGMA, DE GUIMARÃES ROSA

6º ENCONTRO.....79
ENTRE TEXTOS,
NARRATIVAS E ESCUTAS

REFERÊNCIAS.....90



OS ENCONTROS FORMATIVOS:

CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A LEITURA DE
POESIA NAS ESCOLAS DO AMBIENTE PRISIONAL

1º ENCONTRO

DIÁLOGOS INICIAIS

OBJETIVO GERAL

Estudar meios de sistematizar uma política para a poética do texto lírico em sala de aula carcerária – a partir de gêneros poéticos –, no caso de nosso estudo, utilizamos o livro *Magma*, de Guimarães Rosa almejando levar ao docente o entendimento de que, por meio da poesia e seu universo estético, ele pode não apenas instruir e levar o hábito ou o gosto literário-poético para o seu aluno(a), mas elevá-lo(a) a um empoderamento pelas palavras, permitindo-lhe fruir em sua experimentação/expressão psicossocial.

1º momento:

- Apresentação das professoras responsáveis pelo projeto de pesquisa;
- Leitura do texto “O poder da poesia” de Helder Pinheiro;
- Apresentação da problemática + objetivo geral + objetivo de estudo + *Magma* + base referencial
- Quem tem medo de poesia na sala de aula? Chuva de Ideias
- A educação do ser poético – Carlos Drummond de Andrade – leitura e interação com os participantes.

A educação do ser poético Carlos Drummond de Andrade

Publicado no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro – RJ, 20/07/1974

Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma? Acho que é um pouco de tudo isso, se ela encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia. Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo Sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? Receio que sim.

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de Regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo. Sei que se consome poesia nas salas de aula, que se decoram versos e se estimulam pequenas declamadoras, mas será isso cultivar o núcleo poético da pessoa humana? Oh, afastem, por favor, a suspeita de que estou acalentando a intenção criminosa de formar milhões de poetinhas nos bancos da escola maternal e do curso primário. Não pretendo nada disto, e acho mesmo que o uso da escrita poética na idade adulta costuma degenerar em abuso que nada tem a ver com a poesia. Fazem-se demasiados versos vazios daquela centelha que distingue uma linha de poesia, de uma linha de prosa, ambas preenchidas com palavras da mesma língua, da mesma época, do mesmo grupo cultural, mas tão diferentes. Se há inflação de poetas significantes, faltam amadores de poesia – e amar a poesia é forma de praticá-la, recriando-a.

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. Não seria talvez despropositado cuidar de uma extensão poética das escolinhas de arte, esta idéia maravilhosa que Augusto Rodrigues tirou de sua formação humana de artista para a realidade brasileira. Longe de ser uma fábrica alarmante de versejadores infantis, essa extensão, curso ou atividade autônoma, ou que nome lhe coubesse, daria à criança condições de expressar sua maneira de ver e curtir a relação poética entre o ser e as coisas. Projeto de educação para a poesia (fala-se hoje em educação artística no ensino médio, quando o mais razoável seria dizer educação pela arte).

A vocação poética teria aí uma largada franca, as experiências criativas gozariam de clima favorável sem que tal importasse na obrigação de alcançar resultados concretos mensuráveis em nível escolar. Sei de casos em que um engenheiro, por exemplo, aos 30, 40 anos, descobre a existência da poesia... Não poderia tê-la descoberto mais cedo, encontrando-a em si mesmo, quando ela se manifestava em brinquedos, improvisações aparentemente absurdas, rabiscos, achados verbais, exclamações, gestos gratuitos? Alguma coisa que se bolasse nesse sentido, no campo da Educação, valeria como corretivo prévio da aridez com que se costuma transcrever os destinos profissionais, murados na especialização, na ignorância do prazer estético, na tristeza de encarar a vida como dever pontilhado de tédio. E a arte, como a educação e tudo o mais, que fim mais alto pode ter em mira senão este, de contribuir para a educação do ser humano à vida, o que, numa palavra, se chama felicidade?

Blog: <http://zellacoracao.wordpress.com/2011/06/03/a-educacao-do-ser-poetico-carlos-drummond-de-andrade/>

2º momento:

- Conhecendo poemas de *Magma*: “SONO DAS ÁGUAS” & “BATUQUE”

LEITURA DO TEXTO “O PODER DA POESIA”

“... a proposta pode ser exigente, mas é sobremaneira prazerosa. Nesse percurso, uma questão é fundamental: não ensinamos poesia, não é um saber técnico instrumental que define o trabalho com a literatura numa perspectiva de formar leitores; é, antes, uma convivência que partilha. (...)”

Helder Pinheiro

QUESTÃO PROVOCADORA:

É expressiva a dificuldade do professor em conduzir projetos e romper as estruturas impostas sobre o trabalho poético em sala de aula?



Fonte:

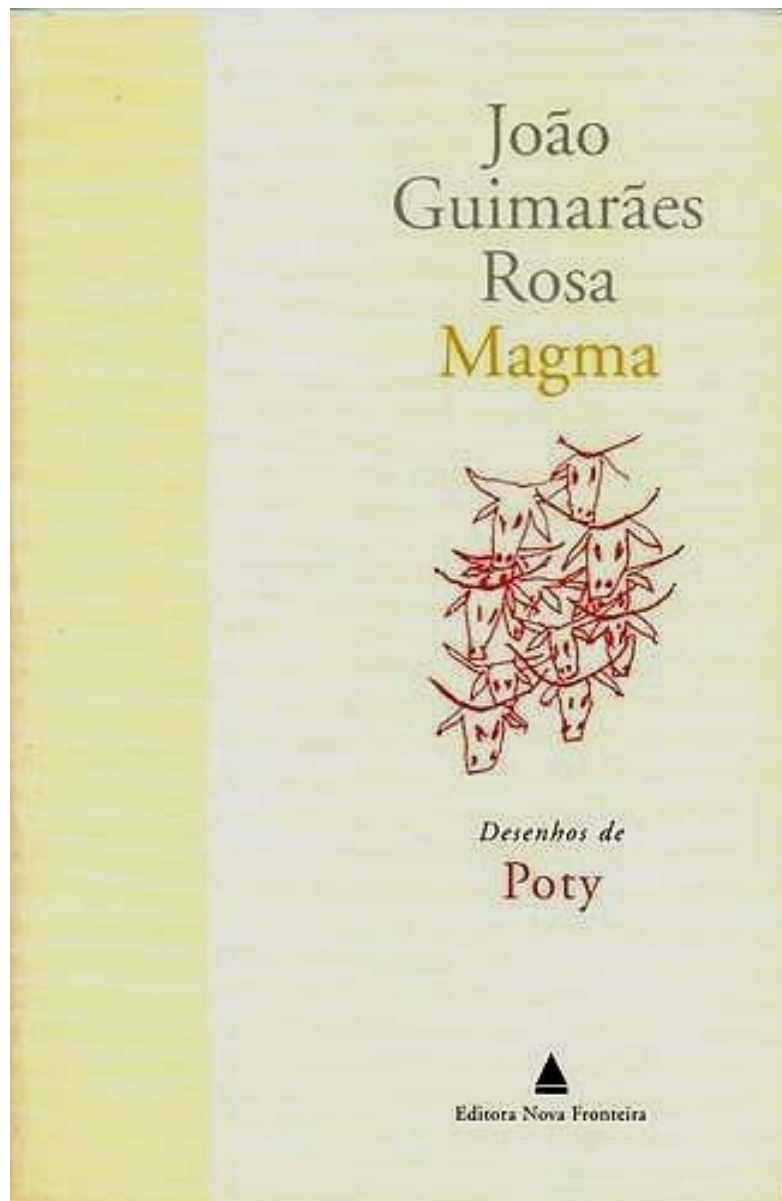
<https://acervodigital.secult.mg.gov.br/museu-casa-guimaraes-rosa-mcgr/184973-2/>

João **Guimarães Rosa** nasceu em Cordisburgo (MG), em 27 de junho de 1908 e era o primeiro dos seis filhos de D. Francisca (Chiquitinha) Guimarães Rosa e de Florduardo Pinto Rosa, mais conhecido por "seu Fulô" comerciante, juiz de paz, caçador de onças e contador de estórias.

Em 1925, matricula-se na então denominada Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, com apenas 16 anos. Segundo um colega de turma, o Dr. Ismael de Faria, no velório de um estudante vitimado pela febre amarela, em 1926, teria **Guimarães Rosa** dito a famosa frase: "*As pessoas não morrem, ficam encantadas.*", que seria repetida 41 anos depois por ocasião de sua posse na Academia Brasileira de Letras.

Sua estreia nas letras se deu em 1929, ainda como estudante. Escreveu quatro contos: *Caçador de camurças*, *Chronos Kai Anagke* (título grego, que significa *Tempo e Destino*), *O mistério de Highmore Hall* e *Makiné* para um concurso promovido pela revista *O Cruzeiro*. Todos os contos foram premiados e publicados com ilustrações entre 1929-1930.

Conheça mais sobre o autor em: [GUIMARÃES ROSA - Biografia e Bibliografia](#)

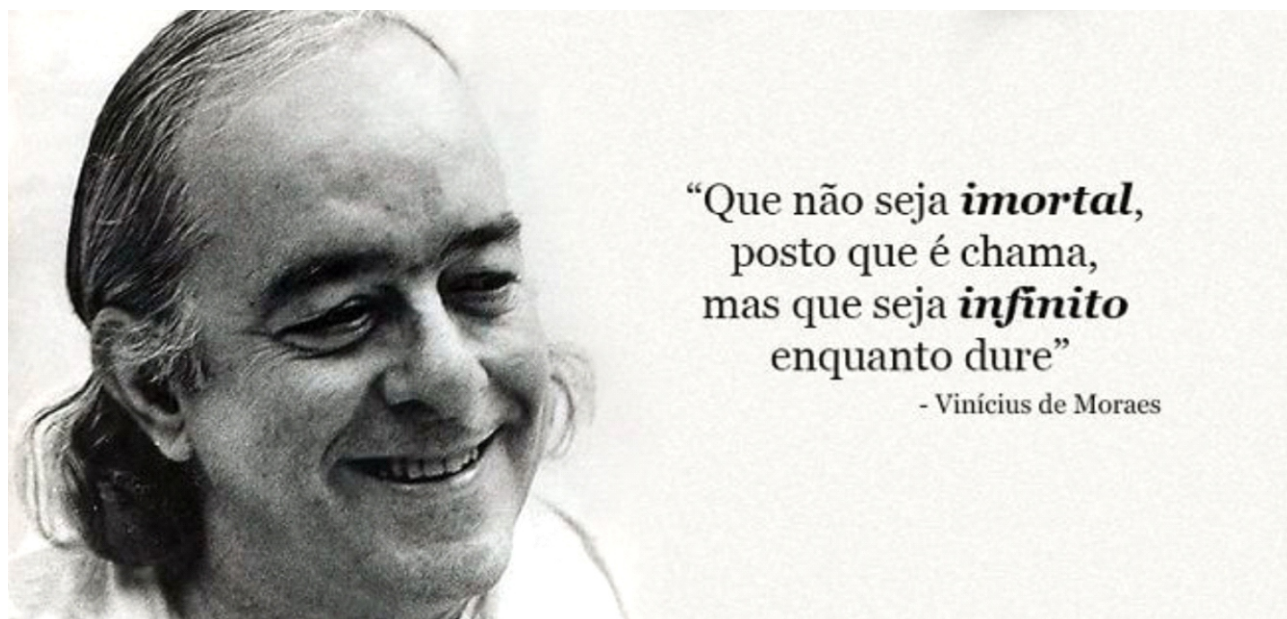


Magma é um livro de poesia de Guimarães Rosa, publicado postumamente pela Editora Nova Fronteira. Apesar de ter ganhado, em 1936, o Prêmio da Academia Brasileira de Letras, o livro sempre foi considerado uma obra menor pelo autor de *Grande Sertão: Veredas*.

Durante sua vida, Guimarães Rosa não demonstrou qualquer interesse em publicá-lo, chegando a dizer em entrevista: "[...] escrevi um livro não muito pequeno de poemas, que até foi elogiado. [Depois] passaram-se quase dez anos, até eu poder me dedicar novamente à literatura. E revisando meus exercícios líricos, não os achei totalmente maus, mas tampouco muito convincentes". Só muitos anos após a morte de seu autor, em 1997, é que *Magma* veio a público.

OBJETIVO DE ESTUDO

O nosso objetivo nuclear é pensar em uma formação poética para educadores de forma geral, reservando no momento tal percurso a quem trabalha com o ensino literário nos sistemas prisionais.



Fonte: VINÍCIUS DE MORAES
<https://br.pinterest.com/pin/317292736224831388/>

BASE REFERENCIAL

BAKHTIN 1895-1975	FREIRE 1921-1997	TINOCO PROF. UnB	ROBERTO DA SILVA 1957-2023
 <p>POLIFONIA PROBLEMAS DA POÉTICA DE DOSTOIÉVSKI</p>	 <p>A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER ALFABETIZAÇÃO DE ADULTOS E BIBLIOTECAS POPULARES</p>	 <p>PEDAGOGIA SOCIAL EDUCAÇÃO EM PRESÍDIOS E LEITURA LITERÁRIA</p>	 <p>DIDÁTICA NO CÁRCERE-I E II</p>

1º MOMENTO

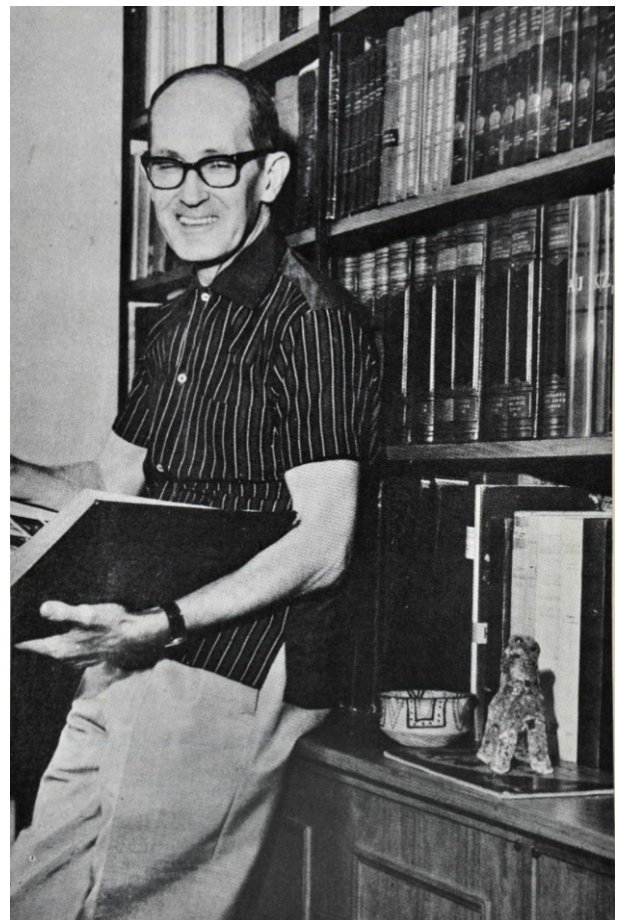
"Quem você mais enjeita é quem você mais encontra."

G.R. (*Grande Sertão: Veredas*)

E agora, José? VAMOS DEBATER?

"A EDUCAÇÃO DO SER POÉTICO"

Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma? A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver



Fonte:

<https://www.carlosdrummond.com.br/conteudos/visualizar/Diarios-ineditos-do-poeta>

VAMOS PONTUAR ALGO A MAIS DO TEXTO DE DRUMMOND?

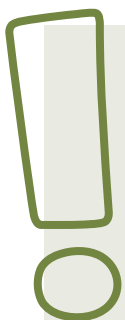
Bora continuar a trocar ideias?

O que podemos destacar do texto de Drummond que pode nortear nossas aulas e experiências de leitura poéticas?

Captura de tela do vídeo “Fala, Camarada!”



Fonte: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLmIVFQB6TVoMJUpVmHbkNM6vDjYCErZbB>



Nesse momento, a prática dialógica é muito importante. A interação com o grupo é de grande valia para saber em que o texto lido contribui para a reflexão do papel do professor com a aula literária como também a sua partilha identitária com seu imaginário poético.

2º MOMENTO

CONHECENDO POEMAS DE MAGMA DE GUIMARÃES ROSA

MOTIVAÇÃO PARA LER E DISCUTIR O POEMA "SONO DAS ÁGUAS"



1. "Planeta Água" de Guilherme Arantes.

https://www.youtube.com/watch?v=oPwnAq2xMUg&list=RDoPwnAq2xMUg&start_radio=1

2. Exibir o documentário "Aquífero Guarani" e "Alter do chão" (maior aquífero do mundo/planeta).

<https://www.youtube.com/watch?v=mmoGln1-dTE>

Sono das águas de João Guimarães Rosa

Há uma hora certa,
no meio da noite, uma hora morta,
em que a água dorme.

Todas as águas dormem:
no rio, na lagoa,
no açude, no brejão, nos olhos d'água,
nos grotões fundos
E quem ficar acordado,
na barranca, a noite inteira,
há de ouvir a cachoeira
parar a queda e o choro,
que a água foi dormir...

Águas claras, barrentas, sonolentas,
todas vão cochilar.
Dormem gotas, caudais, seivas das

plantas,
fios brancos, torrentes.
O orvalho sonha
nas placas da folhagem
e adormece.
Até a água fervida,
nos copos de cabeceira dos
agonizantes...

Mas nem todas dormem,
nessa hora
de torpor líquido e inocente.
Muitos hão de estar vigiando,
e chorando, a noite toda,
porque a água dos olhos
nunca tem sono...

Fonte: <https://blog.sitedepoesias.com/poemas/o-sono-das-aguas/>



Fonte: Acervo público do Google Imagens

Poema “ Sono das Águas”, Guimarães Rosa

- Linha de debate: traçar relação entre os textos e suas mensagens acerca do tema “água”.
- O que, no poema “Sono das Águas”, mais impacta em nossos sentidos?

POEMA "BATUQUE" MAGMA- GUIMARÃES ROSA

ANTES DA LÍRICA, VAMOS ENTENDER
ESSA CULTURA AFRO-BRASILEIRA?

O QUE É O BATUQUE DE UMBIGADA?

(...) É nesse campo repleto de empecilhos, impasses, que o batuque de umbigada e os outros rituais negros se estabelecem: "Tratava-se da cultura de uma população dominada e exilada. Ela teve de conviver, portanto, com as exigências de submissão e de obediência ao poder constituído, além das pressões de prestações de atos de verdade (que representavam o caminho de ascensão e de integração à sociedade global), cujos modelos estavam na religião (católica) dos dominantes. A originalidade negra consiste em ter vivido uma estrutura dupla, em ter jogado com as ambiguidades do poder e, assim, podido implantar instituições paralelas." (Sodré, 2005, p. 99).



BATUQUE DE UMBIGADA (chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/me)

Fonte:
<https://blogdogutemberg.blogspot.com/2010/11/samba-de-roda-mais-do-que-um-genero.html>

POEMA BATUQUE GUIMARÃES ROSA

A negrada dança
E nunca descansa,
No chão do terrero
de pés no chão...
___“A premera imbigada
é papudo que dá.
Eu também sou papudo,
Eu também quero dá...”

E o batuque ferve,
e a sanfona geme,
E a violada chora,
Arrastando a função...
Comidas finas, querendo comer,
bebidas finas, querendo beber:
pau a pique, cobu, bolo de fubá,
cachaça queimada, garapa e
aluá...

Cheiro de negro, catingada brava,
Chitas luzentes, já amarrotadas.
O Felão que não veio, Graças a
Deus,

que eu tenho muito medo do seu
Felão...

(Tenente Felão, cabra malvado,
que foi
capitão-do-mato, noutra
encarnação...)

___“Felão veio?”
___“Nunvei, não...”
___“pruquêquinun veio.?..”
___“Num sei não...”

Sapateio, patadas cem pés, em
pancadas
pisando, pelados, aos pulos
pesados,
A poeira no chão...
___“Corre, gente,
quienvém sordado!...
Some, gente, quienvém Felão!...”

“Pula, negrada, no meio do
terrero, que eu vou ensiná vocês a
dançá!...
Dança de refe, sanfona e
rebenque,
Olá, violeiro, começa a tocá!...
Quem fugi, fogo nele, no meio da
testa,
E não tem i nem a, se a justiça
mandá!...”

E tem de dançá a noite inteira,
a noite toda, sem parar...
___“Canta, cambada, o que tavam
cantando
Antes de Felão chega!...”

___“Felão veio?...”
___“Num veio, não...!”
___“pruquêquinun veio.?..”
___“Nun sei não...”

E a negrada dançando, e os
refes batendo
nossa gente preta,
que em trezentos anos
sofreu a apanhar...

MOTIVAÇÃO:

O QUE SE PODE ASSOCIAR ENTRE "NAVIO NEGREIRO" E "BATUQUE"

ONDE ENCONTRAMOS PASSADO E PRESENTE ENTRE OS DOIS DISCURSOS POÉTICOS?



<https://www.youtube.com/watch?v=xTuXJRcusII>

NAVIO NEGREIRO - MUSICADO POR CAETANO VELOSO



<https://www.youtube.com/watch?v=9v1hZE8fbDM>

NAVIO NEGREIRO
Stamos em pleno mar

Era um sonho dantesco o
Tombadilho
Que das luzernas avermelha o
Brilho
Em sangue a se banhar
Tinir de ferros estalar do açoite
Legiões de homens negros como a
noite
Horrendos a dançar(...)

CASTRO ALVES

SUGESTÕES DE LEITURA SOBRE LUTA ANTIRRACISTA



“Ao que vim ajustar é propostas. Ao para salvo e lucro das nulas partes. As ambas. Caso se Ossa Seoria se concorde...”

(GRANDE SERTÃO: VEREDAS/G.R.)

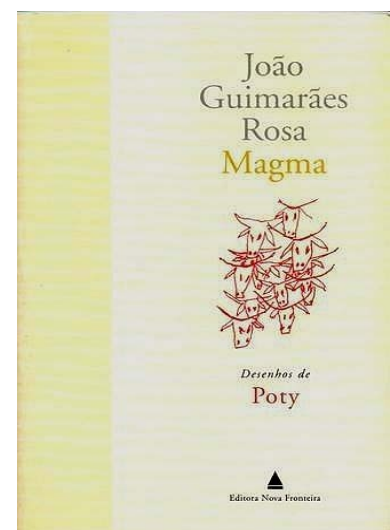
2º ENCONTRO

AINDA AO SOM DO "BATUQUE"

OBJETIVO GERAL

Aprofundar a leitura do poema "Batuque", do livro *Magma*, de Guimarães Rosa, de modo a reconhecer as potencialidades da lírica roseana nas práticas polifônicas de leitura na sala de aula.

"NO ARAGUAIA"
Araticum-uassu riu com mais gosto ainda,
E saiu a remar, com esforço simulado,
tangendo a piroga corredeira acima...
— "Muito bem, amigo, quero saber, agora,
o que pensas do amor..."
Livro *Magma*



1º momento:

- Poema Batuque
- Leitura do poema
- O que é a prática do Batuque e da Umbigada – dança afro religiosa – base: pesquisa “vídeo” sobre a cultura da Umbigada de Batuque que resiste. <https://www.youtube.com/watch?v=Crg9HfKAIYo>

2º momento:

- “Condições (IN) dispensáveis para Trabalhar com Poesia”, pág.21, Helder Pinheiro. (TRECHOS)
- Experiências e sugestões, pág. 29. (TRECHOS)
- Vamos comentar o que entendemos?

3º momento:

- Conceito de Polifonia
- Poema “Boiada”: trechos leitura para próximo encontro.

1º MOMENTO

CONTINUEMOS COM BATUQUE DE UMBIGADA...

BATUQUE DE UMBIGADA: MEMÓRIA E PRÁXIS DE RESISTÊNCIA

Falar de cultura brasileira é um misto de raiz, tradição e espiritualidade aliada a uma rica diversidade cultural existente, pois sua composição permeia por diversas matrizes indígena, europeia e africana. Esta última, em especial, vem carregada por diferenças em elementos simbólicos, sendo nos rituais de dança, musicalidade, ritmo, cantos que compõem parte da resistência cultural negra que é refletida no âmbito social brasileiro.



Fonte: Acervo público do *Google Imagens*

Dança que assemelha o movimento do corpo com o axé e a capoeira e tem como principal função festejar a fertilidade. O Batuque de Umbigada, também chamado caiumba ou tambu, é uma dança trazida por negros bantos que trabalharam na cultura da cana e do café, em São Paulo.



Fonte: Acervo público do Google Imagens

As modas, canções do batuque, consistem em uma crônica cantada da comunidade: sua história passada e recente, seus valores morais, seu entorno social. Criadas no repente ou buscadas nas tradições, elas tecem comentários acerca de pessoas e fatos conhecidos pelo grupo, servindo-se de uma linguagem rica em metáforas:

Salve a princesa Isabel,
Salve a princesa Isabel
Ai que beleza

Nego comia no coxo,
nego comia no coxo
Agora come na mesa

já acabou a escravidão,
já acabou a escravidão
Ai que beleza

Nego comia no coxo,
nego comia no coxo
Agora come na mesa

Trabaiaeu não eu não,
Trabaiaeu não eu não
Trabaio não tenho nada,
só tenho calo na mão

O meu patrão ficou rico,
E nói fiquemo na mão”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Oy6jfnvglkk>

Douglas: Dona Anicide gostaria que a senhora contasse um pouco da sua história na umbigada... Anicide: Nós formava uma roda, via os batuqueiros mais véio, mas nunca dançava junto, sempre apartado. Aí quando eu fiquei mais mocinha, entrava na roda. Era na terra não tinha nada de barracão.



“Praça Dr. Cesário Motta”

Onde a população negra era proibida de transitar em seu jardim

VÍDEO PERCURSOS DA TRADIÇÃO BATUQUE DE UMBIGADA



<https://www.youtube.com/watch?v=Crg9HfKAIYo>

Fonte: artigo:

extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/docs/03072018_163410_gloriabonilhacavaggioni_ok.pdf

BATUQUE GUIMARÃES ROSA

A negrada dança
E nunca descansa,
No chão do terrero
de pés no chão...
___ "A premera imbigada
é papudo que dá.
Eu também sou papudo,
Eu também quero dá..."

E o batuque ferve,
e a sanfona geme,
E a violada chora,
Arrastando a função...
Comidas finas, querendo comer,
bebidas finas, querendo beber:
pau a pique, cobu, bolo de fubá,
cachaça queimada, garapa e
aluá...

Cheiro de negro, catingada brava,
Chitas luzentes, já amarrotadas.
O Felão que não veio, Graças a
Deus,

que eu tenho muito medo do seu
Felão...

(Tenente Felão, cabra malvado,
que foi capitão-do-mato, noutra
encarnação...)

___ Felão veio?"
___ "Nunvei, não..."
___ "pruquêquinun veio?.."
___ "Num sei não..."

Sapateio, patadas cem pés, em

pancadas
pisando, pelados, aos pulos
pesados,
A poeira no chão...
___ "Corre, gente,
quienvémsordado!...
Some, gente, quienvém Felão!..."

"Pula, negrada, no meio do
terrero, que eu vou ensiná vocês a
dançá!...
Dança de refe, sanfona e
rebenque,
Olá, violeiro, começa a tocá!...
Quem fugi, fogo nele, no meio da
testa,
E não tem i nem a, se a justiça
mandá!..."

E têm de dançá a noite inteira,
a noite toda, sem parar...
___ "Canta, cambada, o que tavam
cantando
Antes de Felão chega!..."

___ felão veio?..."
___ "Num veio, não...!"
___ "pruquêquinun veio?.."
___ "Nun sei não..."

E a negada dançando, e os
refes batendo
nossa gente preta,
que em trezentos anos
sofreu a apanhar...

2º MOMENTO

CONDIÇÕES [IN]DISPENSÁVEIS PARA TRABALHAR COM POESIA HELDER PINHEIRO

A PRIMEIRA CONDIÇÃO indispensável é que o professor seja realmente um leitor com uma experiência significativa de leitura. Por "experiência significativa" não queremos dizer que ele deva ser um erudito, mas antes alguém que, mesmo tendo lido poucas obras, por exemplo, o tenha feito de forma aprofundada, conheça poemas centrais de determinados poetas, temas recorrentes, peculiaridades da linguagem poética.

No caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no caminho
Nunca me esquecerei desse acontecimento.
Na vida de minhas retintas tão fadigadas
(Drummond)

Um professor que não seja capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará, na prática, que a poesia vale a pena, que a experiência simbólica condensada naquelas palavras é essencial em sua vida. Sem um mínimo de entusiasmo, dificilmente poderemos sensibilizar nossos alunos para a riqueza semântica da poesia.

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.
(Vinicius de Moraes)

A SEGUNDA CONDIÇÃO é haver sempre uma pesquisa sobre os interesses de nossos alunos. Quando já os conhecemos bem, esse levantamento pode ser feito de maneira assistemática. Atentos ao universo de interesse deles, poderemos oferecer, de início, poemas que mais facilmente serão apreciados. Evidentemente, o conhecimento das fases de desenvolvimento intelectual e afetivo da criança e do adolescente é indispensável. Mas isso ainda não garante muita coisa. Lembremos de João Cabral em “Catar Feijão”.

Catar feijão se limita com escrever:
 joga-se os grãos na água do alguidar
 e as palavras na folha de papel;
 e depois, joga-se fora o que boiar.
 Certo, toda palavra boiará no papel,
 água congelada, por chumbo seu
 verbo:
 pois para catar esse feijão, soprar
 nele,
 e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

João Cabral de Melo Neto

Organizar um mural onde os alunos, durante uma semana, um mês, ou o ano todo, destaquem os versos de que mais gostam; incentivá-los a recitarem livremente poemas que conheçam - de qualquer época ou autor - são procedimentos que vão criando um ambiente (físico e psicológico) em que a poesia começa a ser vivenciada, em que o prazer de lê-la passa a tomar forma. Mas essas pequenas coisas devem ser constantes. Fazer uma grande promoção no Dia da Poesia pode ser bonito para o colégio e apenas disfarçar a dificuldade e/ou o desinteresse para o trabalho cotidiano de formação de leitores.



Fonte: acervo público do Google.

ALGUMAS DICAS DA OBRA DE HELDER...

-SELEÇÃO DE POEMAS POR TEMAS SOCIAIS

“A Bomba”: Carlos Drummond de Andrade

“A Bomba Atômica”: Vinícius de Moraes

“Guerra”: Mário Quintana

“Lamento da Noiva do Soldado”: Cecília Meireles

“O Bicho”: Manuel Bandeira

“Não há Vagas”: Ferreira Gullar

Organizar antologias e núcleos temáticos; buscar outros textos e intertextos – contos, crônicas, pequenos contos, músicas, reportagens.

-SELEÇÃO DE POEMAS POR TEMAS METALINGUÍSTICOS

“O Poema”: Mário Quintana

“Arte Poética”, “Meu povo meu poema”, “Não Há Vagas”: Ferreira Gullar

“O Último Poema”, “Poética”, “Nova Poética”: Manuel Bandeira

“Poesia”, “Explicação”, “Mãos Dadas”, “O Lutador”: Carlos Drummond de Andrade

“Mensagem à Poesia”: Vinícius de Moraes

INTERAÇÃO: O QUE VOCÊS ACHARAM DAS DICAS? BORA TROCAR EXPERIÊNCIAS?

Momento em que os docentes e participantes em geral apresentam suas experiências de leitura do gênero poético.

MAIS POEMAS PARA LEITURA E DISCUSSÃO

"O AÇÚCAR" DE FERREIRA GULLAR



Fonte: <https://www.politicaparaquemgosta.com.br/2013/02/corte-de-cana-retirantes-que-buscam.html>

O branco açúcar que adoçará
meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro
por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este
açúcar
não foi feito por mim.
Este açúcar veio
da mercearia da esquina e
tampouco o fez o Oliveira, dono
da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em
Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.
Em lugares distantes, onde não há
hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e
morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.
Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta
manhã em Ipanema.

VÍDEO - O AÇÚCAR - F.GULLAR



<https://www.youtube.com/watch?v=5RiRQk8jxS0>

3º MOMENTO

POLIFONIA EM BAKHTIN ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Apresentando o conceito de polifonia nos estudos bakhtinianos, a partir da contextualização da sua importância na leitura de poemas na sala de aula.

ETIMOLOGIA: poli: muito; fonia: som, vozes.

A polifonia em bakhtin-dialogismo

“O monólogo é algo concluído e surdo à resposta do outro, não reconhece nela força decisória”

“Para a representação literária, a passagem do monologismo para o dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que, de escravo mudo da consciência do autor se torna sujeito de sua própria consciência”. (Bezerra, in: Brait, 2005, p.192).



[filósofo da linguagem, historiador e teórico da literatura e da cultura russo-1895/1975](#)
Mikhail Mikháilovitch Bakhtin

POLIFONIA: QUE CONCEITO É ESSE?

Bakhtin desenvolve o conceito de polifonia em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (PPD). Segundo Bakhtin, é característica do romance ser plurivocal. Estudando Dostoiévski, Bakhtin observou que o seu discurso romanesco não é apenas plurivocal - há algo mais além dessa plurivocidade: as vozes dos personagens apresentam uma independência excepcional na estrutura da obra. Como diz Bakhtin, "é como se soassem ao lado da palavra do autor". Observou mais que as múltiplas consciências que aparecem no romance mantêm-se equipolentes, ou seja, em pé de absoluta igualdade, sem se subordinarem à consciência do autor. Também os mundos que povoam os seus romances se combinam numa unidade de acontecimento, porém mantendo a sua imiscibilidade. Ao enfatizar o caráter dialógico aberto do universo artístico de Dostoiévski, Bakhtin destaca outra característica de seu estilo: a inconclusibilidade. Na trama construída por Dostoiévski, não há uma superação dialética entre a multiplicidade de consciência que povoa os seus romances; os problemas e as contradições não se resolvem, continuam "irremediavelmente contraditórios" (Bakhtin-1981, p.24). O romance polifônico de Dostoiévski não tem uma apoteose.

Roman, A. R. (1993). O CONCEITO DE POLIFONIA EM BAKHTIN - O TRAJETO POLIFÔNICO DE UMA METÁFORA. *Revista Letras*, 42. <https://doi.org/10.5380/rel.v42i0.19126>

TOCANDO EM FRENTE - POEMA BOIADA



Fonte: <https://www.elo7.com.br/tocando-a-boiada/dp/125BFC3>

MÃOS À POESIA: MINHA SALA DE AULA & MAGMA

- Para o próximo encontro, vocês poderiam contribuir com sugestões para trabalhar o poema “Boiada” em sala de aula?
- Alguma música relativa ao tema?
- Alguma outra referência intertextual?
- Algum filme ou vídeo social?
- Qual(ais) elementos motivadores você levaria para trabalhar essa poesia?
- Qual estrofe ou verso você daria mais ênfase na sua apresentação?
- O que poderia ser polifônico nesse discurso?
- Você considera uma boa temática para seu público-alvo?
- “Quais versos você consideraria pontuais para destacar para seus alunos?”

O POEMA “BOIADA”

— “Boiada boa!...”
 O gado agora rola cansado,
 e a trovoada trota
 do fundo do chão...
 — “Ó João Nanico, por que canta
 assim?...
 Tem aumentado seu gado miúdo?...
 — “Gabarroe peste mataram tudo...”
 — “Está pensando será na crioula?...”
 — “Fugiu, que tempo, foi pra Bahia,
 por esse mundão de Deus...”
 — “Morreu no eito, já faz um ano,
 picado de urutu...”
 — “Então, João Nanico,

por que canta assim?!...”
 — „Ai, Patrão, que a vida é uma
 boiada,
 e a gente canta pra ir tocando os
 bois...”
 — “Ó João Nanico, mineiro velho,
 quer vir comigo pra Paracatu?!...”
 — “O gado é bravo?... A pinga é
 boa?!...”
 Ai, Patrãozinho, vamos embora,
 vamos embora pro Paracatu!...”

—João Guimarães Rosa, do livro Magma.
 Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p.
 28.

30 ENCONTRO

LEITURA DE POEMAS NA SALA DE AULA

OBJETIVO GERAL

Aprofundar a leitura do poema “Batuque”, do livro *Magma*, de Guimarães Rosa, de modo a reconhecer as potencialidades da lírica Roseana nas práticas polifônicas de leitura na sala de aula.

MAIS POEMAS NAS RELAÇÕES E CORRELAÇÕES PARA A PRÁTICA NA SALA DE AULA

O QUE É O TEXTO POLIFÔNICO PARA BAKHTIN ?

POESIA POLIFÔNICA - CRISTOVÃO TEZZA

SUGESTÕES PRÁTICAS PARA A SALA DE AULA COM *MAGMA*

UM POUCO DA EXPERIÊNCIA DA ESCRITA NO CÁRCERE

TOCANDO POEMAS: VAMOS PROVOCAR NOSSOS ALUNOS?



Fonte: <https://www.elo7.com.br/tocando-a-boiada/dp/125BFC3>

E POR FALAR EM BOIADA... QUEM SE LEMBRA DE MENINO DA PORTEIRA...

“Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino
 De longe eu avistava a figura de um menino
 Que corria, abria a porteira e depois vinha me pedindo
 Toque o berrante seu moço
 Que é pra eu ficar ouvindo [...]”
 (Teddy Vieira)

TOCANDO EM FRENTE...

“Como um velho boiadeiro levando a boiada
 Vou tocando os dias pela longa estrada
 Eu vou
 Estrada eu sou”
 (Almir Satler e Renato Teixeira)

1º MOMENTO

QUAIS POEMAS DE MAGMA TEMOS PARA HOJE?

- BOIADA
- ALARANJADO
- REPORTAGEM

O QUE É POSSÍVEL RELACIONAR ENTRE OS DOIS POEMAS A BAIXO?

- REVOLTA (MAGMA), DE GUIMARÃES ROSA.
- PROFUNDAMENTE (LIBERTINAGEM), DE MANUEL BANDEIRA.

CURIOSIDADE NA FAMÍLIA ROSA

VILMA GUIMARÃES ROSA-1931/2022

FILHA DE GUIMARÃES: em uma de suas obras, o livro de contos, “Mistérios do Existir”, no primeiro conto “O Visitante”, traz como enredo um homem que procura uma escritora, pois a história narrada no conto dela, publicado em uma revista é a vida dele. E, em dado momento, ela lhe diz, ao negar que sabia da vida dele: “As minhas estórias pedem para ser escritas. Meus personagens pedem para viver. Às vezes imploram.” E ele retruca em dado momento: “A senhora sabe tudo a meu respeito. Meus hábitos, temperamentos, amores e desafetos. A bebida de minha preferência e a marca dos cigarro que eu fumo. Sabe até o que eu penso e o que ambiciono.”



2º MOMENTO

O QUE É MESMO POLIFONIA PARA BAKHTIN?

A ênfase de Bakhtin é no discurso e na personagem como sujeito consciente de seu próprio discurso. Bakhtin acreditava que a palavra orienta-se para um destinatário que existe numa relação social clara com o sujeito falante.

Nas obras polifônicas, o autor continua presente, mas atua como regente do grande coro de vozes que participam do processo dialógico. Mas esse regente é dotado de um ativismo especial, rege vozes que ele cria ou recria, mas deixa que se manifestem com autonomia (Bezerra, 2005, p. 194).

DIALOGISMO: princípio constitutivo da linguagem e de todo discurso. (Roncari, 2003)

POLIFONIA: pode ser entendida como uma estratégia discursiva acionada na construção de um texto. (Barros, 2003)

POESIA POLIFÔNICA NA PERCEPÇÃO DE CRISTOVÃO TEZZA

“As formulações de Mikhail Bakhtin, sobre o universo discursivo da linguagem, representam um campo fértil para pensarmos os estudos literários hoje. Assim, propomos uma reflexão em torno da dialogia, constitutiva do discurso e da polifonia, recurso estilístico consagrado pela prosa romanesca e que, para esta abordagem, importa enquanto premissa fundamental para refletirmos acerca das vozes que afloram da poesia, gesta de sentidos, múltiplos e/ou contraditórios, através dos quais elas falam”. (Tezza, Cristóvão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismorusso*, p.119)

A poesia não se exprime mediante categorias lógicas; todavia, nós estamos convencidos de que as categorias lógicas são aquelas sem as quais não é possível nenhuma atividade do pensamento propriamente humano. Que coisa é a fantasia? (Tezza, Cristóvão. “Poesia”. In: Brait, Beth. 2006, p.119)

(Três Técnicas!)

Para o que se quer, isto basta.
Parece pouco. E é pouco mesmo.
É quase um nada. E no entanto

Cabe um bocado, cabe tanto.
Que é ate preciso dar um basta.
Quanto ao assunto -o si-mesmo-
e invariavelmente o mesmo
Um ponto. Um fragmento. Entretanto
é o universo que se basta-

e como? e tanto - a si mesmo -
E agora basta

(Paulo Henrique Bastos)

Para Tezza: “Rigorosamente não há uma só expressão deste poema que não seja prosaica. Há uma espécie de “antiretórica” percorrendo a alma de cada palavra, de modo como o poeta nos apresenta. [...] a ideia de “fala” – no que ela tem de dialógica, tensa - e a ideia de “resposta” (há sempre um interlocutor implícito) estão sempre presentes em cada linha.

5. ENTÃO, VAMOS COMENTAR O POEMA “BOIADA”?



PERGUNTAS PROVOCADORAS SOBRE O POEMA

Após ler o poema “Boiada”, qual palavra expressaria sua sensação?

"Ai, Patrãozinho vamos embora". Se pensarmos que a polifonia em Bakhtin diz respeito a todas as vozes ao nosso redor que nos constroem, em âmbitos subjetivos e coletivos, que sentido podemos atribuir à expressão "patrãozinho"?



O que você achou do recurso de uma poesia dialogada? Acha que isso tornou a produção de sentido de maior alcance? Por quê?

POEMA "ALARANJADO" - MAGMA

ALARANJADO

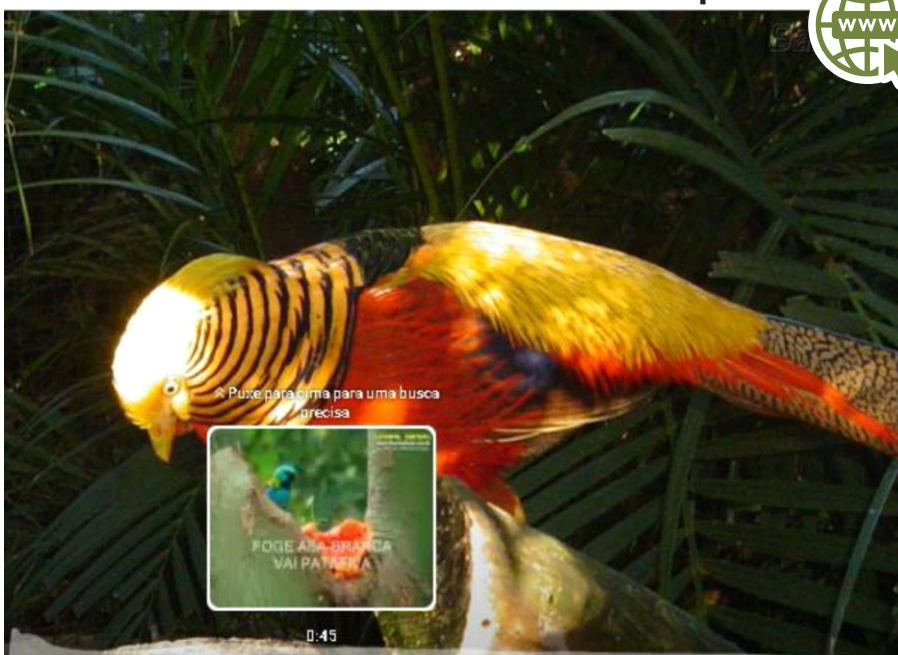
No campo seco, a crepitar em **brasas**,
 dançam as últimas chamas da **queimada**,
 tão quente, que o **sol** pende no ocaso,
 bicado
 pelos **sanhaços das** nuvens,
 para **cair, redondo e pesado**,
 como **uma tangerina temporã madura...**

ROSA, João Guimarães. Magma. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p.54

"ALARANJADO" & "PASSAREDO"

Vamos ouvir a música "Passaredo", de Chico Buarque?
 Quais relações podemos tecer entre os dois discursos?

VÍDEO Passaredo-Chico Buarque



"Oi, pintassilgo
 Oi, pintaroxo
 Melro, uirapuru
 Ai, chega-e-vira
 Engole-vento
 Saíra, inhambu
 Foge asa-branca
 Vai, patativa
 Tordo, tuju, tuim
 Xô, tié-sangue
 Xô, tié-fogo
 Xô, rouxinol sem fim(...)"

https://www.youtube.com/watch?v=06vEncGv_Ik&t=10s

3º MOMENTO

Contribuições da Obra “A Didática no Cárcere II” - Roberto da Silva - A Educação de adultos...

Adultos: quais temas se pode/devem propor?

Temas de amor-lirismo, natureza, saudade, social e resiliência diante da vida.

Em didática no cárcere II, Roberto da Silva aponta:

- “Priorizar a capacidade comunicacional em detrimento da competência da gramática significa entender que cada grupo, cada estratificação social possui um conjunto de códigos, de símbolos e de valores que são suas referências de organização, de pertencimento e de comunicação, mesmo que seja verbal”.
- “O interesse ou não interesse em aprender os códigos, sejam da aprendizagem didático-cultural, sejam do regime interno do sistema, vai depender da condição social ou da necessidade do indivíduo”.
- “Lembrar que a escrita é um recurso funcional para o preso, o seu principal meio de comunicação com o mundo exterior, com a família, amigos, órgãos e serviços de seu interesse”.
- “O exercício com bilhetes e relatos pode ser de grande valia de contexto com o discurso, suas regras e suas mensagens”.

COM A PALAVRA, O ALUNO NO CÁRCERE: Clube de Leitura no Presídio



<https://www.youtube.com/watch?v=Nsq4rGH5Hgg>

VAMOS PROVOCAR NOSSOS ALUNOS?

- Que tal lermos um poema e propormos que eles escrevam um bilhete para o “eu poético” do texto?
- Que tal alguém representar o “eu poético” e responder? Caso nenhum aluno queira assumir esse papel, o próprio professor pode fazê-lo.
- Que tal propormos um relato em que o leitor-aluno(a) conte o que achou do poema lido? Ele pode destacar uma estrofe ou um verso que tenha lhe causado surpresa, indignação ou emoção — e explicar o motivo.

UM POUCO MAIS DE MAGMA...

Reportagem:

O trem estacou, na manhã fria, num lugar deserto, sem casa de estação: aparada do Leprosário... Um homem saltou, sem despedidas, deixou o baú à beira da linha, e foi andando. Ninguém lhe acenou... Todos os passageiros olharam ao redor, com medo de que o homem que saltara tivesse viajado ao lado deles... Gravado no dorso do bauzinho humilde, não havia nome ou etiqueta de hotel: só uma estampa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro... O trem se pôs logo em marcha apressada, e no apito rouco da locomotiva gritava o impudor de uma nota de alívio... Eu quis chamar o homem, para lhe dar um sorriso, mas ele ia já longe, sem se voltar nunca, como quem não tem frente, como quem só tem costas... – Rosa, João Guimarães. *Magma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 68.

Sobre esse poema propormos:

1. O que se pode achar de prosaico, cotidiano, polifônico nesse discurso poético?
2. O que os versos “Todos os passageiros olharam ao redor, com medo de que o homem que saltara tivesse viajado ao lado deles...” e “O trem se pôs logo em marcha apressada, e no apito rouco da locomotiva gritava o impudor de uma nota de alívio...”, podem ter em comum com o conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”?
3. Que tal propormos uma atividade (mais propícia para Ensino Médio) em que os alunos comparem e entrecruzem os sentidos do(a):
 - a) Poema “Reportagem”, de Guimarães Rosa
 - b) Conto “Sorôco sua mãe e sua filha”, de Guimarães Rosa
 - c) Música “Que Loucura” de Sérgio Sampaio

[\(88\) SORÔCO, SUA MÃE, SUA FILHA, PRIMEIRAS ESTÓRIAS #paracegover #audiolivro #guimaraesrosa - YouTube](https://www.youtube.com/watch?v=hl9O2doOm6k)

<https://www.youtube.com/watch?v=hl9O2doOm6k>



SORÔCO, SUA MÃE, SUA FILHA, PRIMEIRAS ESTÓRIAS #paracegover #audiolivro

**MAIS DIÁLOGOS POSSÍVEIS...
QUE LOUCURA-SÉRGIO SAMPAIO**



https://www.youtube.com/watch?v=daHR_2Spqc0



Fui internado ontem
Na cabine cento e três
Do hospital do Engenho de Dentro
Só comigo tinham dez

Eu tô doente do peito
Eu tô doente do coração
A minha cama já virou leito
Disseram que eu perdi a razão

Eu tô maluco da ideia
Guiando o carro na contramão
Saí do palco e fui pra plateia
Saí da sala e fui pro porão

Fui internado ontem
Na cabine cento e três
Do hospício do Engenho de Dentro
Só comigo tinham dez

Eu tô doente do peito
Eu tô doente do coração
A minha cama já virou leito
E disseram que eu perdi a razão

Eu tô maluco da ideia
Guiando carro na contramão
Saí do palco e fui pra platéia
Saí da sala e fui pro porão

(Sérgio Sampaio)

DIÁLOGOS POÉTICOS

REVOLTA

G. ROSA

Todos foram saindo, de mansinho,
Tão calados,

Que eu nem sei
Se fiquei mesmo só
Não trouxe mensagem
E não me deram senha...

Disseram-me que não iria perder nada,
Porque não há mais céu
E, agora, que tenho medo,
E estou cansado,
mandam-me embora...
Mas, não quero ir para mais longe,
Desterrado,
Porque a minha pátria é a memória.
Não, não quero ser desterrado,
Que a minha pátria é a memória.

[...] PROFUNDAMENTE

MANOEL BANDEIRA

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam
Ao pé das fogueiras acesas?
— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.[...]

Podemos atestar que esses dois discursos poéticos dialogam?

Sim, ambos têm como temática a partida, a perda, a solidão provocada pela distância ou pela morte “Todos foram saindo, de mansinho, Tão calados,”/ — Estavam todos dormindo Estavam todos deitados Dormindo Profundamente.[...]

Que elementos poéticos desses textos estabelecem a aproximação entre eles?

Em ambos é perceptível que o dialogismo se faz presente direta ou indiretamente “Disseram-me que não iria perder nada”/ “Onde estavam os que há pouco Dançavam Cantavam E riam Ao pé das fogueiras acesas? — Estavam todos dormindo Estavam todos deitados Dormindo Profundamente.[...]”

4º ENCONTRO

DIÁLOGOS COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA

OBJETIVO GERAL

Dialogar sobre a prática de leitura de poesia na perspectiva da Pedagogia Social & Literária em Freire, Tinoco e Círculos de Leitura com Rildo Cosson em Poemas de Magma.

“O Real Roda e Põe Diante” Grande Sertão Veredas

No dia 13 de maio de 1952, há exatos 70 anos, João Guimarães Rosa partiu para uma expedição no sertão de Minas Gerais que deixou marcas em sua literatura. A viagem de 14 dias foi realizada durante o transporte de uma boiada. Entre os peões da comitiva, o vaqueiro e poeta Zito foi aquele com quem o escritor travou contato mais próximo em suas andanças pelo sertão. Depois de 50 anos, o então estudante de jornalismo Tanael Cesar Cotrim percorreu o caminho traçado pela expedição, acompanhado de Zito. A viagem deu origem ao livro-reportagem O Rumo do Rosa na Rota de Zito, em que literatura e história se encontram, recuperando a relação entre o escritor e o vaqueiro e a experiência no sertão.



Fonte: <https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2015/07/10/noticias-pensar,169477/guimaraes-rosa-acompanhou-boiadeiros-pelos-sertoos-das-gerais-em-exped.shtml>

1º MOMENTO

Reflexões da prática pedagógica
"As classes dialógicas tornam iguais
professores e os alunos?" Paulo Freire

Texto-base: FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. 10.ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986. 224 p.



ALGUMAS PONTUAÇÕES CONSIDERÁVEIS DA OBRA "MEDO E OUSADIA":

Os professores [do ensino básico] perguntam sobre a estrutura numa sala de aula dialógica e transformadora(...) os programas padronizados frequentemente são desenvolvidos no centro da decisão. Os professores universitários herdaram uma lista oficial de leituras, que é o modelo tradicional de suas disciplinas.

Os estudantes e jovens professores estão chamando de "educação dialógica" ou "educação libertadora" - eles estão tão acostumados a obedecer ordens, que não sabem como ser responsáveis pela própria formação.

Não aprenderam como organizar sua própria leitura da realidade e dos livros, entendendo o que leem criticamente. (...) Pensam que a educação libertadora ou dialógica não é rigorosa, por exigir deles que participem da própria formação.

Os estudantes e os professores só aprendem uma única definição a rigor: a autoritária, a tradicional, que estrutura a educação mecanicamente e desencoraja da responsabilidade de se recriarem, a si mesmos e à sociedade...

"O diálogo é o momento em que os humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e re-fazem"
(Freire, Paulo. pág. 169.)

Antes de mais nada, Ira, penso que deveríamos entender "o diálogo" não como uma técnica apenas para conseguir obter alguns resultados. Também não podemos, não devemos, entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos nossos alunos nossos amigos. Isso faria do diálogo uma técnica para manipulação em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte do nosso progresso histórico, do caminho para nos tornarmos seres humanos! (...) O diálogo é o momento em que os humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos!

'Devo repetir uma coisa aqui para ser absolutamente claro. No momento, em que o professor inicia o diálogo, ele sabe muito, primeiro, em termos de conhecimento, depois, em termos do horizonte ao qual ele quer chegar. O ponto de partida é o que eu o professor sabe sobre o objeto, e onde ele quer chegar. (...) "As forças acumuladas pelo professor podem inibir ao invés de promover o surgimento crítico dos alunos?"

2º MOMENTO

Educação em presídios e leitura literária: uma nova articulação sociodialógica (Robson Coelho Tinoco)

RESUMO: este artigo resulta de pesquisa de pós-doutoramento de 2013, na FE-USP, cujo objetivo foi discutir a aplicação de uma metodologia de leitura dialógica, com posterior produção de resenha, com fins de remição de pena em ambiente prisional. Como uma das bases conceituais se considerou que a leitura, sobretudo escolar também em ambiente prisional, não deve ser usada somente para veicular informações pois precisa ocupar posição central na recepção do texto, pelo leitor-presos, enquanto atividade em contexto educacional específico o da prisão. Assim se avaliou que, mesmo em ambiente socioeducacional tão demarcado por "leis próprias", é fundamental ler o implícito, o não-dito denotativamente, reestabelecendo a essencial relação discursivo-dialógica entre autor texto leitor. Ao caracterizar procedimentos eficazes de leitura, por meio de metodologia de aplicação com efeitos na ampliação de conhecimentos do leitor-presos, tal relação determina melhor as tipificações/implicações de um texto com conteúdo literário, com discurso político, de análise técnica etc.



Professor Titular do Instituto de Letras - Departamento de Teoria literária e literaturas, Universidade de Brasília (UnB). Professor do Departamento de Linguística (LIP/IL) - UnB (1996).

Fonte: <https://independent.academia.edu/RCoelhoTinoco>

Às intenções da linguagem escrita cabe cumprir o papel, entre outros, de transformar a pessoa em leitor consciente na medida em que ele exerce a atividade de ler de maneira produtiva (ao produzir conhecimento adquirido) e reveladora (ao revelar informações culturais, sociais, políticas etc. então desconhecidos); na medida em que, mais que a obra, ele lê, por meio dela, o(s) mundo(s) do autor e dele próprio, leitor.



Fonte: Acervo pessoal da autora (202x)

O que se propõe como boa (e produtiva) leitura e ler dialogicamente o mundo em uma obra escrita; ler as marcas de um homem-sujeito que faz do mundo seu objeto de existência e comunicação -homem que está no mundo. Entende-se esse "homem" como sujeito social transformador de seu meio fonte constante de acumulação de suas próprias experiências de vida articulada as das outras

peças. Robert Hans Jauss, por exemplo, na fundamentação de sua Teoria da Recepção, trata dessa questão primordialmente (Lima, 2002; Zilberman, 1989).

Reflexão, como atitude, é já disposição à compreensão e, em se tratando especificamente de atividades de leitura, "não basta decodificar as representações indicadas por sinais e signos; o leitor porta-se diante do texto transformando-o e transformando-se" (Silva, 1988, p. 44). Assim, refletir sobre uma leitura que se faz, percebendo que sob ela estão as raízes produtoras da mensagem essencial do autor, é compreendê-la além da simples representação verbal do texto escrito. Além disso, é perceber esses três propósitos da leitura como fundamentos de uma reflexão produtiva (Silva, 1988, p. 44): compreender a mensagem, compreender-se nela e se compreender por ela.

Uma leitura assim produtivamente dialógica amplia a conscientização social da pessoa, representada por sua expressão de sujeito-leitor que percebe, também por esse exercício (só o ato consciente de ler não possibilita uma real apreensão do momento sociocultural que se vive), uma ampliação de suas capacidades, já que o processo de recepção se dá mesmo antes do contato do leitor com o texto. Assim, o leitor possui um "horizonte que o limita, mas pode se transformar continuamente, ampliando-se. Este horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o pocoa: vivências pessoais, culturais, normas jurídicas, filosóficas etc." (Aguiar; Bordini, 1988, p.)

A cela (e referente pena) representa o ponto máximo de exclusão social, a marca indelével de segregação legal do indivíduo ao longo de sua história. No entanto, como tipo de contrapeso e de cela aberta, a literatura não exclui nenhum indivíduo, promovendo sua incursão no mundo literário a partir de qualquer espaço (Ribeiro, 2011). Tal caráter inclusivo da literatura permite ressignificar entendimento utilitário acerca da importância desses ambientes de leitura e promover, nesse indivíduo, estímulo pelo conhecimento e as transformações advindas dessa prática serão instrumentos efetivos de aprimoramento do próprio processo de ressocialização, ainda com tantas falhas de aplicação efetiva, e resultados positivos, no interior das prisões brasileiras, em que por volta de 70% dos presos são reincidentes.

Nesse contexto real -o da grande maioria das prisões brasileiras-, ao se praticar a leitura, também literária, tem-se uma das poucas oportunidades em que, ao desenvolvê-la, o interno pode efetivamente estabelecer uma relação dialógica com o que lê (Bakhtin, 2003) e, assim, transformar informação lida em

conhecimento apreendido. Sob o aspecto literário, ele se liberta, mesmo quando encarcerado e, passa produtivamente por um --consciente processo de afastamento de sua realidade, e de seus companheiros (de cela, de prisão), podendo permanecer longe daquela realidade por alguns instantes ainda que seja o delimitado instante da leitura.

O momento para o acesso dos internos ao acervo é restrito e, de acordo, com a disponibilidade da segurança no local, realizado de maneira rápida e pouco sistematizada. Assim, o interno não tem acesso ao catálogo para escolha do título e, em alguns casos, repete a leitura de algumas obras em função da pouca oferta de títulos e da grande demanda de leituras por obras estrangeiras (Ribeiro, 2011).

CLÁSSICOS DA LITERATURA ESCRITOS NO CÁRCERE



Imagens : Acervo público do Google Images

Questões provocadoras sobre o texto: Educação em presídios e leitura literária: uma nova articulação sociodialógica

- Em quais momentos das observações de Tinoco, enquanto professor do cárcere-com mediação ou não de leitura-encontro minha realidade? Que momento /colocações do texto mais concordo ?
- Que pontuação discordo? E por qual motivo? Achou pertinente algumas dicas dadas por ele? Alguma lhe chamou atenção?

2^o MOMENTO

HÁ COMO ORIENTAR A LEITURA DE POEMAS LÍRICOS ?

Quais as maiores dificuldades de se lidar com textos subjetivos?



CÍRCULOS DE LEITURA RILDO COSSON

Em primeiro lugar, porque ler é entrar em uma conversa que envolve pelo menos quatro elementos:

O leitor
O texto
O autor
E o contexto

.”...por fim, ao ler tomamos consciência do outro, da existência que produziu o texto, ao mesmo tempo que confirmamos a nossa presença na conversa mantida com o texto pela maneira que aprendemos a ler e pelo reconhecimento do texto como texto. “

A poesia na sala de aula

A poesia lírica é marcada, sobretudo, pela subjetividade, privilegiando o mundo interior em face ao mundo exterior. O poema lírico não possui caráter discursivo, uma vez que a forma poética, que prioriza o rítmico e o metafórico, predomina sobre o sintático.



“O Viajante Sobre o Mar de Névoa”, de Caspar David Friedrich. Friedrich é o mais alto representante do Romantismo alemão na pintura.

Fonte: <https://www.jornaltornado.pt/o-viajante-sobre-o-mar-de-nevoa-caspar-david-friedrich/>

AUSÊNCIA

Na almofada branca,
as sandálias sonham
com a seda dos teus pés...

Partiste...
Mas a alegria ainda ficou no
quarto,
talvez no ninho morno, calcado
por teu corpo
no leito desfeito...

Entardece...
Esfuziante e verde,
um beija-flor entrou pela janela.
(Pensei que a tua boca ainda
estivesse aqui...)

Do frasco aberto,
vestidas de vespas,
voam violetas...

E na almofada de seda,
beijo as sandálias brancas,

GARGALHADA

Quando me disseste que não mais me amavas,
e que ias partir,
dura, precisa, bela e inabalável.
com a impassibilidade de um executor,
dilatou-se em mim o pavor das cavernas vazias...
Mas olhei-te bem nos olhos,
belos como o veludo das lagartas verdes,
e porque já houvesse lágrimas nos meus olhos,
tive pena de ti, de mim, de todos,
e me ri
da inutilidade das torturas predestinadas,
guardadas para nós, desde a treva das épocas,
quando a inexperiência dos Deuses
ainda não criara o mundo...

DESTERRO

Eu ia triste, triste, com a tristeza discreta dos fatigados,
com a tristeza torpe dos que partiram tendo despedidas,
tão preso aos lugares
de onde o trem já me afastara estradas arrastadas,
que talvez eu não estivesse todo inteiro presente
no horror dessa viagem.

Mas a minha tristeza pesava mais do que todos os pesos,
e era por causa de mim, da minha fadiga desolada,
que a locomotiva, lá adiante, ridícula e honesta,

[bracejava,

puxando com esforço vagões quase vazios,
com almas cheias de distância, a penetrar no longe.

A tarde subiu do chão para a paisagem sem casas,
e o comboio seguia,
cada vez mais longe, mais fundo, a terra mais vermelha,
o esforço maior, as montanhas mais duras,
no fundo de um mar sem tona.

Nem mesmo foi a noite: foi a ausência
brusca e absurda do dia.

Tão definitiva e estranha, que eu me alegrei, esperando
o não continuar da vida,
o não-regresso da luz, o não-andar-mais do trem...

OS CARTÕES DE FUNÇÃO "LÍRICA"-PARAFRASEAMENTOS...

Questionador – aquele que prepara a perguntas para os colegas, no caso de poesias, sobre a mensagem, as palavras empregadas e o sentido com a mensagem, as metáforas, as rimas ou os ver os brancos, se os momentos poéticos lembram alguma outra realidade ou circunstância, música, outras artes em geral...



Fonte: Acervo público
do Google Imagens

O iluminador de estrofes- aquele que vai escolher uma estrofe ou versos do poema para ser lido o iluminador de passagem: vai identificar ou solicitar dois colegas para apontar partes irônicas, enigmáticas, humoradas, emocionantes...

**PARA O PRÓXIMO ENCONTRO:
VAMOS DIALOGAR COM OS "EU POÉTICOS"
DE UM DOS POEMAS APRESENTADOS HOJE?**

ESCOLHER UM DOS POEMAS LIDOS, NESSA APRESENTAÇÃO E DIALOGAR COM O EU POÉTICO DO TEXTO

-POR MEIO DE PERGUNTAS OU DESTAQUES DE VERSOS QUE TENHAM TRANSMITIDO ALGUMA SIGNIFICÂNCIA;

DESTACANDO QUAL FOI A RECEPÇÃO DO SENTIDO DAQUELE DISCURSO PARA VC LEITOR, APONTANDO EM ESPECIAL ALGUM(UNS) VERSO(S) DO POEMA ESCOLHIDO.



Fonte: <https://www.tumblr.com/frasespoesiaseafins/tagged/travessia>

50 ENCONTRO

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES COM MAGMA, DE GUIMARÃES ROSA

TEXTOS PARA O DIÁLOGO:

**1. GEOPOESIAS & GEOCRÍTICAS - ARTIGO DE A. C.
MEDEIROS & A. R. S. JUNIOR.**

**2. DIREITO À LITERATURA- ANTÔNIO CÂNDIDO
POEMAS DE MAGMA**

1º MOMENTO

GEOPOESIAS E GEOCRÍTICAS

ARTIGO: Global e desglobal na geopoesia quilombola kalunga: crítica polifônica em diálogo com a geocrítica

PALAVRAS-CHAVE:

geopoesia; geocrítica; globalização; desglobalização; polifonia

GEOPOESIA

Este trabalho sistematiza uma teoria da geopoesia enquanto proposta teórico-crítica que parte do eixo Sul Global, especificamente das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil. Com o objetivo de pensar dialogicamente a literatura erigida do cerrado brasileiro, tal formulação constrói-se coletivamente há mais de cinco anos no âmbito de um simpósio temático da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC). Voltados para a discussão de poéticas orais, escritas, encenadas e performadas por autores individuais e coletivos situados em aldeias e quilombos, tecemos caminhos comparativistas em um “brasil.br” (Bolle, 2004). Relacionando a geopoesia à geocrítica (Westphal, 2017), evidenciamos pontos de contato e de confronto entre as teorias para analisar versos quilombolas Kalunga (Goiás/ Tocantins). Problematicamos os conceitos de “globalização” e “desglobalização” (Hobsbawm, 2007) em movimento de combate aos processos coloniais/imperialistas de que, muitas vezes, revestiu-se a literatura e a crítica acadêmica. Analisando especificamente as formas literárias dos povos quilombolas Kalunga, relacionamos a experiência deste espaço geográfico e simbólico brasileiro à dinâmica histórico-cultural que marca todo o Atlântico Negro (Gilroy, 2017). Finalmente, propomos uma abordagem crítica polifônica (Bakhtin, 2006) que atualiza o legado bakhtiniano neste Novo Milênio.



Fonte: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/aquilombar-2024-movimento-quilombola-leva-luta-ancestral-brasilia>

Em um tempo de fragmentações, dissoluções e virtualidades, neste breve Terceiro Milênio, a **geopoesia** desponta como uma teoria do encontro. Teoria-práxis que se propõe a, primeiramente, experimentar, para, em seguida, pensar a literatura das margens (em relação a um centro cultural e político simbólico, não necessariamente geográfico). Literatura, portanto, concebida e realizada nos aquilombamentos, aldeamentos, vãos, rincões e vales dos interiores brasileiros (regiões Norte e Centro-Oeste do país, em especial). Este artigo assume três objetivos principais: sistematizar uma teoria da geopoesia, que vem sendo proposta, discutida e debatida junto aos Simpósios Temáticos da Associação Brasileira de Literatura Comparada - ABRALIC - há pelo menos cinco anos; relacionar a geopoesia à geocrítica, postulada e desenvolvida pelo francês Bertrand Westphal já em nosso século, teoria com a qual estabelecemos aproximações e demarcamos diferenças, considerando o contexto centroestino e nortense brasileiro; e problematizar os conceitos de “globalização” e “desglobalização”, a partir de uma discussão histórica e

política, com vistas a visualizar e combater os processos coloniais/imperialistas ainda perpetuados no âmbito literário e acadêmico. Pensar esse (des)global constitui um ato revolucionário para a crítica literária, justamente porque atualiza e, conforme nossa proposição, supera a velha querela (Querele) entre o novo e o velho, o universal e o regional, que marca um campo de estudos em Literatura Comparada.



Fonte: <https://systemicalternatives.org/2014/02/14/the-paradigm-deglobalisation/>

Dialogando com a teoria econômica da globalização, podemos acenar para um consumismo, em intensidade e volume, do cânone. O desejo do/a leitor/a está sempre voltado para as grandes editoras, para o que se apresenta como sólido e consolidado na história literária. Ousando, podemos pensar que o/a leitor/a deseja uma segurança na literatura que consome, furtando-se de experimentar o literário local na pequena Academia de uma cidadezinha qualquer, por

exemplo. Parece-nos que o movimento de desglobalização, quando atua no sentido de questionar esse processo de perpetuação estanque do cânone, pode e poderá levar a uma nova perspectiva de consumo do literário e da matéria crítica. O grande problema reside no fato de que o mercado (literário) transforma também essa literatura dita “menor” (porque alcança um público mais restrito, local e/ou especializado), rapidamente, em commodities editoriais - vide os casos de Paulo Lins, Carolina Maria de Jesus, para além do mais recente boom de Itamar Vieira Junior, com *Torto Arado* (2019).



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Torto-arado-Itamar-Vieira-Junior/dp/6580309318>

Com a presente discussão, respondemos dialogicamente - no sentido do termo preconizado por Mikhail Bakhtin (2006) - ao já citado Bertrand Westphal, notadamente em seu *A geocrítica: real, ficção, espaço* (2017), visando estabelecer pontos de contato e de ruptura da geopoesia com a geocrítica, a Paul Gilroy, autor de *O Atlântico negro*, pelo contributo ao pensamento sobre “formas geopolíticas e geoculturais” (Gilroy, 2017, p. 25) do Sul Global, como também a Walter Benjamin (1986), no que concerne à experiência de modernidade e à experiência poética na era da reprodutibilidade técnica, a Eric Hobsbawm (2007), para a reflexão em torno do fenômeno “globalização”, à Bárbara Sousa (2016), estudiosa dos processos de aquilombamento brasileiros, e, finalmente, a Willi Bolle, que vem trazendo novas roupagens para o conceito de “sertão.br” (Bolle, 2004), ideia que converge justamente para uma discussão em torno do (des)global. Tal substrato intelectual ampara-nos na definição da geopoesia e de seu campo de ação, como também nos encaminha

para a análise do recorte literário que apresentamos nesta oportunidade, a saber: poéticas orais e escritas, advindas de rincões dos Estado de Goiás e Tocantins, que se apresentam como cantos e versos dos povos quilombola Kalunga.

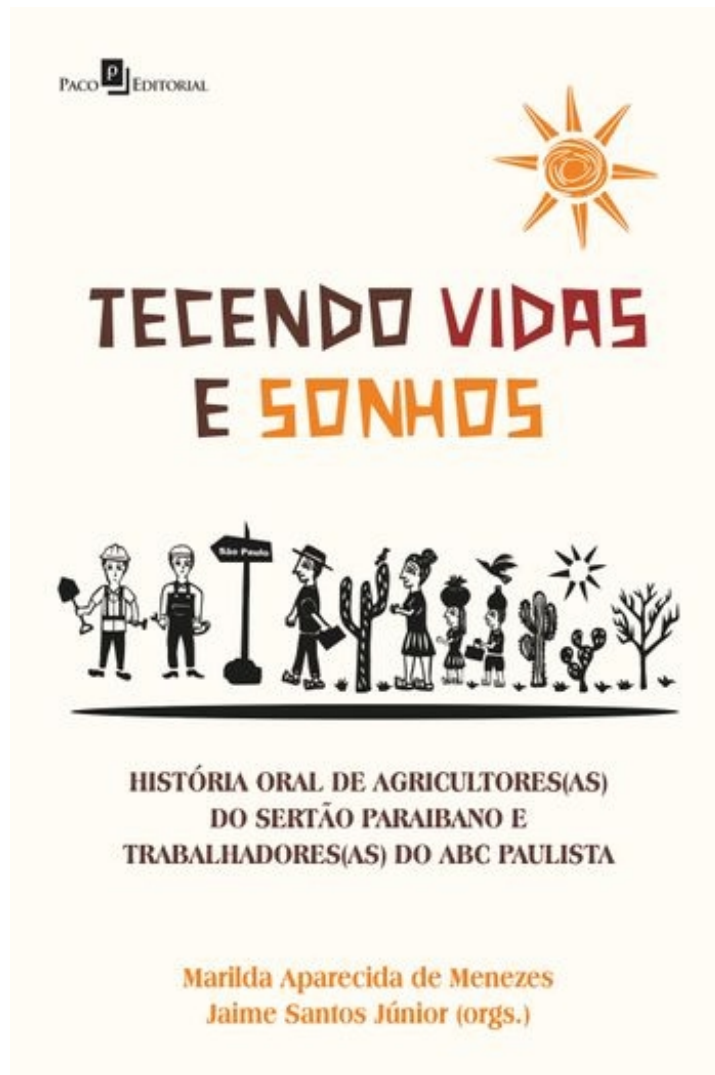
<https://www.scielo.br/j/rblc/a/Hrby8ddSFyVzJfLKqM4jMSv/>



Fonte: <https://music.apple.com/br/album/dos-rinc%C3%B5es-da-minha-saudade/1729015174>

Começamos por definir a geopoesia enquanto práxis literária e cultural, vinculada a geografias específicas do interior cerrado brasileiro, que movimentam povos de quilombos, de aldeias, foliões de terreiros, passistas de rodas, viajantes de encruzilhadas, indivíduos e coletivos em condição de travessia. Pessoas, portanto, em práticas literárias orais, escritas ou performadas, que se conectam entre si atualizando um campo literário vivo e produtivo, que, no entanto, está invariavelmente à margem do chamado “cânone” brasileiro. Não resta dúvida de que, desde seu nome, a geopoesia (desglobal/deslocal) suscita comparações com a geocrítica - formulação

teórico-crítica pioneiramente desenvolvida por Bertrand Westphal, professor de Literatura Comparada na Universidade de Limoges (França, sempre considerada nação-berço do universal e, por extensão, do global). Nosso intuito é justamente dialogar com as ideias do intelectual francês, destacando convergências e divergências entre a sua perspectiva e a nossa.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Tecendo-Vidas-Sonhos-Agricultores-Trabalhadores/dp/8546224900>

Sendo o espaço dito “real” polifônico, navicular, a geocrítica enfrenta um referente cuja representação literária já não é considerada deformadora, mas fundadora. (...) A geocrítica não se acantona no estudo da representação do Outro, apreendido num contexto monológico. (...) Na verdade, a geocrítica continua a atribuir a supremacia do artista, mas coloca-o no centro de um universo do qual ele não é a única engrenagem. (...) Desse modo, a relação bipolar entre alteridade e identidade deixa de ser regida por uma simples acção, passando a sê-lo por uma interacção. (Westphal, 2017, p. 91-92).

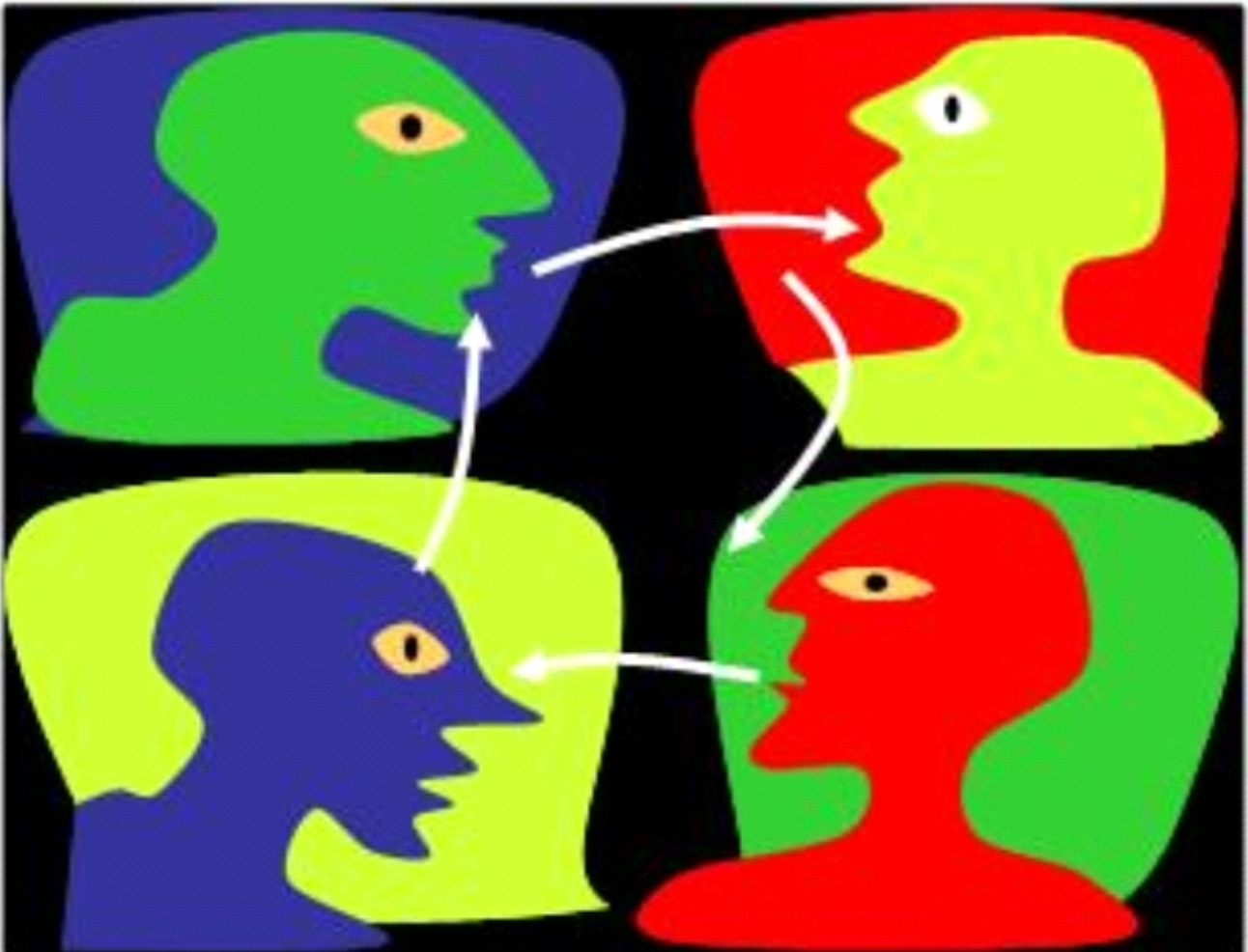


"A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor."

Mikhail Bakhtin,
filósofo
(1895-1975)

Fonte: <https://opiniaocentral.wordpress.com/2017/12/06/bakhtin-e-os-limites-da-linguagem-4/>

Vale ressaltar que, seja para Bezerra, seja para Bakhtin, a discussão sobre polifonia vincula-se ao espaço discursivo do romance enquanto gênero literário em que primordialmente se manifestam as interações dialógicas. É, no entanto, interessante notar que a coletividade auferida pelo crítico russo em Dostoiévski tem suas raízes na Renascença festiva do escritor francês François Rabelais e reaparece, carnalizada, nas vocalidades e corporalidades da cultura popular brasileira - a que chamamos de expressões da geopoesia. Esta que se espalha pelo Centroeste-Norte e, claro, pelas Minas e Gerais de Guimarães Rosa, bem como pelo Nordeste de diásporas revolucionárias, espaços conhecidos como quilombos. Assim, o mapa da geopoesia no Brasil vai se compondo contra epistemicídios.



Fonte: Acervo público do *Google Imagens*

Na arena polifônica da geocrítica e da geopoesia, o pacto eu-outro se dá em um espaço vital que não pode ser alijado da discussão artística, histórica e política, pois, sob tais perspectivas, entende-se que o espaço, em sua condição territorial, conta histórias, carrega marcas de diásporas, migrações, explorações, colonialismos, violências, lutas e resistências. Com vistas a situar leitores/as sobre o modo como opera a crítica geopoética, propomos iniciar este breve itinerário analítico por formas artísticas da geopoesia goiana e tocantinense evocando versos orais (coletados na Romaria do Divino em agosto de 1999) de uma sussa (dança típica dos quilombolas da região). O canto performado, aparentemente muito divertido, é entoado pela Comunidade Kalunga de Goiás:[...]



Fonte: https://arteeartistas.com.br/os-retirantes-candido-portinari/#google_vignette

Na estrofe que anteriormente destacamos dos povos Kalunga, tudo se move entre o improvisado e a base, os pilares e o desejo de recriação, os Vãos e as lutas sociais, pau-a-piques e vozes andantes, adobes aquilombados e perpetuação oral e festiva de uma tradição sistematicamente silenciada pela dita cultura oficial - para usar expressão [bakhtiniana \(2008\)](#). Cultura oficial que também remete à cultura delimitada pelo Estado, pela Igreja (Católica) e pelas formas canônicas da cultura, bem como ao status quo do capital no Ocidente. Lembremos que, ao longo do fatídico século XX, o “Novo Mundo” passou a ser chamado de “Terceiro Mundo”, e os países socialistas ganharam a alcunha subentendida de “Segundo Mundo”, visto que os hegemônicos ocidentais pertenciam ao “Primeiro Mundo”.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=BZk5Nk7dnwQ>

Cumpra explicitar que, quando falamos em globalização desigual, estamos alinhados à compreensão do historiador Eric Hobsbawm, que dedicou alguns de seus ensaios e palestras, já do século XXI, a estudar a imbricada relação entre Globalização, democracia e terrorismo (Hobsbawm, 2007). Para o britânico anticapitalista, vivemos um cenário mundial dominado pela globalização, porém ela “trouxe consigo uma dramática acentuação das desigualdades econômicas e sociais no interior das nações e entre elas” (Hobsbawm, 2007, p. 11). Registra, ainda, que “este surto de desigualdade (...) está na base das importantes tensões sociais e políticas no novo século” (Hobsbawm, 2007, p. 11), o que leva ao eterno retorno de crises - que se estendem ao movimento, no jargão econômico, de desglobalização.

Neste ponto, em que se especificam os “laboratórios” da geocrítica e da geopoiesia, há que se registrar um aspecto de afastamento entre as duas proposições críticas. Ainda que ambas estejam ocupadas em desenhar “novas cartografias”, que atravessem fronteiras (para derrubá-las), em mapear “realidades fictícias” (para atravessá-las), ainda pouco exploradas pelas investidas críticas e teóricas mais tradicionais, eurocêntricas e epistemicidas, Bertrand Westphal situa seu estudo no universo da pós-modernidade, enquanto a geopoiesia defende que o conceito mesmo de “pós-modernidade” não pode ser inadvertidamente aplicado ao contexto de produções artísticas brasileiras, latino-americanas, indígenas e afro-brasileiras. Visto que tais povos ainda pleiteiam um lugar ao sol da modernidade nos moldes ocidentais e, principalmente, o mínimo de cidadania e de seguridade social.

2º MOMENTO

DIREITO À LITERATURA ANTÔNIO CÂNDIDO



Fonte: <https://piaui.folha.uol.com.br/historias-em-torno-de-um-classico-de-antonio-candido/>

“ O importante é reconhecer que a obra é autônoma, mas foi formada por coisas que vieram de fora dela, por influências da sociedade, da ideologia do tempo, do autor ”

O direito à literatura



O assunto que me foi confiado nesta série é aparentemente meio desligado dos problemas reais: "Direitos humanos e literatura". As maneiras de abordá-lo são muitas, mas não posso começar a falar sobre o tema específico sem fazer algumas reflexões prévias a respeito dos próprios direitos humanos.

E impressionante como em nosso tempo somos contraditórios neste capítulo. Começo observando que em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação. No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida freqüentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura", no livro *Vários escritos*. 3ª ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

“[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” – Antonio Candido, do ensaio “O direito à literatura”, no livro “Vários escritos”. 3ª ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

“[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade. E durante a vigília, a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito – como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”, no livro *Vários escritos*. 3ª ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.



Fonte: Acervo público do Google Imagens



Fonte: Acervo público do *Google Imagens*

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (talvez humanizador porque contraditório). Analisando-a, podemos distinguir pelo menos três faces: (1) ela é uma construção de objetos autônomo como estrutura e significado: (2) ela é uma forma de expressão, isto é, manifesta emoções e a visão do mundo dos indivíduos e dos grupos; (3) ela é uma forma de conhecimento, inclusive como incorporação difusa e inconsciente.

CANDIDO, Antonio. "O direito à literatura", no livro *Vários escritos*. 3ª ed.. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.



Fonte: <https://pdfcoffee.com/do-mundo-da-leitura-para-a-leitura-do-mundo-marisa-lajolo-pdf-free.html>

ALGUMAS LEITURAS & COMENTÁRIO DOS POEMAS ABAIXO E SUAS PERSPECTIVAS GEOPOÉTICAS E GEOCRÍTICAS

- NOARAGUAIA
- PRIMAVERANA SERRA
- BOIADA
- BATUQUE
- MALEITA
- CABLOCO D'ÁGUA



A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos.

Ailton Krenak

 PENSADOR

Fonte: <https://www.projetopreserva.com.br/post/ailton-krenak-ii-o-watu-o-nosso-avo-esta-em-coma/>

6º ENCONTRO

ENTRE TEXTOS, NARRATIVAS E ESCUTAS

BREVE APRESENTAÇÃO DO PERCURSO TRILHADO: RELEMBRANDO ACAMINHADA

1º momento:

“Como levar poesia para a sala de aula? / Poesia na Sala de Aula – Helder Pinheiro/Poemas de Magma

2º momento:

“Há como orientar a leitura de poemas? Leitura e discussão “A Educação do Ser Poético de Drummond/Condições (indispensáveis) para trabalhar com poesia” e “O Poder da Poesia” (Textos de H. Pinheiro); Poemas de Magma.

3º momento:

“O que é mesmo polifonia para Bakhtin? Dialogismo/Polifonia - Poesia Polifônica-Cristovão Tezza. Poemas de Magma.

4º momento:

“Dialogar sobre a prática pedagógica - A pedagogia social & literária em Freire, Robson Tinoco e círculos de leitura com R. Cosson em poemas de Magma.

5º momento:

Geopoesias & Geocríticas- artigo de A.C. Medeiros & A. R. S.Junior. & Direito à Literatura - Antônio Cândido. Poemas de Magma.

6º momento:

A importância da Escuta Literária (Cecília Bajour) & Percepções do ato de ser mediador (a) de Leitura (Felipe Munita). Poemas de Magma.

A importância da Escuta Literária & Percepções do ato de ser mediador(a) de Leitura

LIVRO " OUVIR NAS ENTRELINHAS: O VALOR DA ESCUTA NAS PRÁTICAS LITERÁRIAS " CECILIA BAJOUR

Capítulo 1 –“ O valor da escuta nas práticas de leitura”



“Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler e levantar a cabeça?”
Roland Barthes

PONTUAÇÕES ACERCA DESSE CAPÍTULO:

“Essa leitura em que a pessoa levanta a cabeça segundo Barthes, é ao mesmo tempo desrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre” [...];

“Interessa-me esse ato quase inconsciente, próximo do devaneio, que Barthes descreve como “levantar a cabeça durante a leitura, para pô-lo em contato com a sutil noção do ensaísta George Steiner de “ouvir nas entrelinhas”, referindo-se no caso não à leitura, mas à relação entre falantes.”[...];

“Grande parte da população não tem a seu alcance a possibilidade de escolher momentos de privacidade ou solidão por causa das circunstâncias restritas a

que a condenam as políticas de exclusão. E também pelas manifestações de receio ou preconceito em relação àquele que se recolhe como alguém que “perde tempo”, “não faz nada de útil”, “isola-se dos outros”, “se faz de intelectual”;

É mediante esse destaque conferido às cenas sociais de leitura (não em oposição às solitárias, mas em diálogo com elas) que reinterpreto a ideia de “ouvir nas entrelinhas”. Interessa-me a potencialidade dessa confluência para voltar à questão inicial sobre a possível semelhança entre ler e escutar. Se a escuta da qual falaremos em detalhes for mobilizada em um encontro coletivo de leitura graças a uma mediação que qualifique a “levantada de cabeça “de cada leitor- suas associações pessoais, ideias, descobertas e interpretações-, isso poderá se materializar em um ato em que todos os participantes terão a possibilidade de socializar significados.”;

Escutar, assim como ler, tem que vir, porém, com a vontade e com a disposição para aceitar e apreciar a palavra dos outros em toda sua complexidade, isto é, não só aquilo que esperamos, que nos tranquiliza ou coincide com nossos sentidos, mas também o que diverge de nossas interpretações ou visões de mundo [...];

Escutar para reafirmar uma verdade que olha para si mesma e espera a palavra do outro somente para enaltecer a própria palavra é a antítese do diálogo, e não raro comporta intenções de poder e controle sobre todos os sentidos trazidos à tona. Trata-se de um simulacro de escuta, uma atuação para manter as aparências. A democracia da palavra compartilhada implica, ao contrário, o encontro intersubjetivo de vontades que aceitem o outro em sua diferença e estejam a enriquecer a vida, a leitura, a própria visão de mundo com essa diferença, mesmo que não concorde com ela. Construir significados com os outros sem precisar construí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe a consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual”.

LIVRO "EU, MEDIADOR(A)" - FELIPE MUNITA



Do que falamos quando falamos de mediadores de leitura?

Por “mediadores” se tornou uma palavra-chave neste início de terceiro milênio? (Jean François Six)

Cada palavra, dizia Vigotsky, é em si mesma uma generalização e um microcosmo em si mesmo que se refere a um complexo universo semântico. A escolha de um ou outro termo para representar determinada realidade não é trivial, pois desencadeia toda uma série de significados que se busca associar àquela realidade. A escolha das palavras “mediação” e mediador(a) para designar um amplo conjunto de experiências e práticas humanas, entre as quais aquelas ligadas aos processos de familiarização com o mundo escrito, convida, portanto, a questionar o universo semântico que o termo evoca. As páginas que se seguem a esse espaço particular de significados são mobilizadas por um conceito que, como vimos anteriormente, tem sido amplamente utilizado no contexto ibero-americano para tratar de processos - sociais e escolares - de formação de leitores.

A Construção de um universo semântico para a noção de mediação

[...] Nessa perspectiva, a mediação é caracterizada por valores básicos

como acompanhamento e proximidade; afeto, diálogo e confiança; estímulos para a autoestima e para discernir experiências, a educação do olhar com estratégias de aprendizado para o estudante. Essas características criam situações sociais com uma importante dimensão afetiva e constituem a base de qualquer atividade mediadora na interação educativa. Por sua vez, tal perspectiva remete a uma série de critérios desenvolvidos para a mediação pedagógica (Feuerstein, 1991, p. 15).

Alguns desses critérios universais seriam:

- Intencionalidade e Reciprocidade, para envolver o sujeito em seu próprio aprendizado, no âmbito de uma “interação motivada”.
- Transcendência, entendida como a mediação que opera além da necessidade imediata, relacionando-se com o passado e o futuro da criança [aluno/a].
- Significado, para fornecer chaves de compreensão e apresentar o aprendizado de forma que a criança [o aluno(a)] veja seu interesse, sua importância e finalidade.

[...] Não basta criar condições materiais de acesso ao livro, também é necessário trabalhar nas múltiplas mediações que condicionam a prática de leitura. Mediações que, evidentemente, implicam o contato com facilitadores para a abordagem dos textos. Daí as mudanças que nas últimas décadas do século passado redefiniram a função social de um dos primeiros e principais mediadores, o bibliotecário, cuja orientação para o leitor o transformou de erudito conservador em promotor sociocultural. Isso possibilitou ainda o surgimento de agentes dedicados a aproximar diversos grupos sociais do mundo da escrita. Em suma, favoreceu-se a construção de novas “pontes” nos relacionamentos (efetivos ou falhos) que esses grupos estabelecem com os textos. [...] E, agora, estamos falando de mediadores em uma acepção mais restrita, referindo-nos especificamente às pessoas que atuam nesse campo. Pessoas que inicialmente foram definidas como promotores, iniciadores ou facilitadores; ou seja, substantivos derivados de verbos transitivos como promover, iniciar, facilitar ou mediar.

[...] Inicialmente, esse algo (ou seja, o objeto direto do verbo) é a leitura, mas em um nível mais profundo de compreensão da ação mediadora, é os sujeitos com

quem (ou para quem) o mediador ou a mediadora trabalha. Eis o verdadeiro sentido das palavras de Gustavo Bombini antes referidas: promover a leitura é também, e talvez principalmente, qualificar os sujeitos para evitar a exclusão dos processos de participação social e cultural que dependem do escrito. Se, como sabemos, o sentido último da mediação é suscitar vínculos, no campo da leitura isso assume uma dupla direção: vínculos com os livros ou outros materiais digitais, mas também vínculos com outros através da participação no mundo escrito. Esse é o significado que Gohier (2002) ressalta, atribuindo ao mediador a expressiva imagem do lieu [conector] cultural; isto é, literalmente, “aquele que estabelece vínculos de sentido do sujeito consigo mesmo, com os outros e com o mundo, participando da cultura escrita”.

POEMAS DE MAGMA PARA REFLEXÃO & FECHO

Lunático

Vou abrir minha janela sobre a noite.
 E já bem noite, a lua,
 alta a um terço do seu arco,
 terá de deslizar pelo meu quarto adentro,
 e passear sobre o meu rosto, adormecido e lívido,
 quando eu sair a sonhar pelas estradas noturnas, sem
 fim, sem marcos, nem encruzilhadas,
 que levam à região dos desabrigos...
 Sonharei com mares muito brancos,
 de águas finas, como um ar dos cimos,
 onde o meu corpo sobrenada solto,
 por entre nelumbos que passam boiando...
 Ouvirei a rainha do País do Suave Sonho,
 cantando no alto sempre o mesmo canto,
 como a sereia do sempre mais alto...
 E a janela se fecha, prendendo aqui dentro
 o raio suave que prendia a lua...
 Para que eu soçobre no mar dos nenúfares grandes,
 onde remoinham as formas inacabadas,
 onde vêm morrer as almas, afogadas,
 e onde os deuses se olham como num espelho.

Bibliocausto

Que a minha mão não trema
 ao deitar no fogo forte e primitivo
 todos os traidores
 que me deram veneno.
 Queimarei o frio
 geometrizador da vida
 lapidada através de lentes bem
 polidas
 (ah, o horror daquela pedra
 voando,
 tangida pela mão de não sei que
 demônio,
 e a pensar, pelo espaço, que ainda
 tem arbítrio!...)...

Queimarei o detrator,
 maníaco e vaidoso,
 que quis deter a vida numa câmara
 lenta,
 para a tingir depois numa câmara
 escura
 (ah, o inferno galopando às doidas,

nos cavalos sem freios
 da vontade cega e sem destino!...)...
 Queimarei o louco,
 ébrio de orgulho,
 raivoso de fraqueza,
 que destilava haxixe em frascos
 verdes
 na paisagem alpina
 (ah, o prazer com que ainda o
 queimaria
 em cada uma das voltas pavorosas
 do seu Eterno Retorno!...)...
 E só ficará comigo
 o riso rubro das chamas, alumando o
 preto
 das estantes vazias.
 Porque eu só preciso de pés livres,
 de mãos dadas,
 e de olhos bem abertos...

– João Guimarães Rosa, do livro “Magma”.
 Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, p. 138-
 139.

Mandamos, por formulário, as perguntas a seguir para que o retorno, ou seja, a recepção de vocês enriqueça cada vez mais nossa pesquisa e “caminhanças”.

Caro(a) professor(a) e pedagogo(a), em relação aos poemas da obra *Magma*, de Guimarães Rosa, lidos na formação, poderia eleger um ou alguns que tenha(m) sido bastante significativo(s) para você?

Das abordagens teóricas, poderia compartilhar conosco qual(is) tenha(m) lhe passado informações relevantes, as quais você poderia, de fato, trazer para seu cotidiano de sala de aula?

Das abordagens teóricas literárias, houve alguma alusão que lhe despertou maior motivação para o seu trabalho docente como professor ou mediador de leitura?

Houve algum encontro que tenha, de fato, lhe tocado como mediador de leitura ou professor/pedagogo do cárcere, e a sua realidade no entorno, a partir de um refletir mais acentuado?

Você poderia nos sugerir aspectos a repensar em algum encontro ou dar sugestões de melhorias futuras sobre o que foi apresentado?

Agradecimento aos professores e aos pedagogos da Escola Nelson Mandela, por terem nos ofertado seu tempo, sua escuta, suas vozes ao dialogarem, ao compartilharem conosco suas vivências e experiências múltiplas com seus alunos no cárcere. Por fim, agradecemos por terem construído, com seus relatos, cada momento desses encontros, pensados como mais um contributo valioso — tanto por suas experiências quanto pela credibilidade depositada em nossa proposta.



Fonte: Acervo público do *Google Imagens*

A EMEF NELSON MANDELA: O ESPAÇO E OS MOMENTOS DE INTERAÇÃO DO 6º ENCONTRO



O TRABALHO DE LEITURA NA ESCOLA NELSON MANDELA - PUBLICAÇÃO DA SEJUS: TEXTO E IMAGENS



Promover a inclusão pela leitura e pela literatura: essa foi a proposta pedagógica aplicada aos alunos internos da Penitenciária de Segurança Média 1 (PSME1), em Viana, durante as aulas da disciplina de Língua Portuguesa, ministradas nessa terça-feira (06). O trabalho foi desenvolvido com o livro “Conto de Escola”, de Machado de Assis.

A pedagoga e professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Nelson Mandela, Fabiana Gabriela da Silva, explica a dinâmica da aula desenvolvida. “É de grande importância incentivar a leitura na educação de jovens e adultos com a promoção de aulas diferenciadas que propiciem aos alunos interagirem e praticarem a criticidade e o debate gerado dentro de uma ação coletiva que valoriza o ato de ler. A escola tem utilizado ferramentas para fomentar o ensino e a imersão no mundo literário e, práticas como essa, fazem a diferença na vida educacional dos alunos”, pontuou.(...)

Disponível em: <https://sejus.es.gov.br/Not%C3%ADcia/aula-promove-incentivo-a-leitura-em-unicidade-prisional-de-viana/>

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, Ana Clara; MEDEIROS, Augusto Rodrigues da Silva Junior. **Global e desglobal na geopoesia quilombola kalunga: crítica polifônica em diálogo com a geocrítica.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rblc/a/Hrby8ddSFyVzJfLKqM4jMSv/>

AZEVEDO.F; CHAGAS.L; BAZZO. J. In: **Pensar a poesia em sala de aula: reflexões didáticas para fruir o texto poético.** 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo>. Acesso em mai. 2024.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas Entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura.** Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da Poética de Dostoiévski.** Trad. Paulo Bezerra. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: conceitos-chave/** Beth Brait, (org) 2 ed.-São Paulo: Contexto, 2005. Bras. Educ. [online]. 2002, n. 19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura e outros ensaios.** Coimbra: Angelus Novus, 2004.

_____. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos.** São Paulo: Duas Cidades, 1995.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Contexto, 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Sociedade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra Editora, 1967.

_____. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

_____. **Por uma Pedagogia da Pergunta /** Paulo Freire, Antonio Faundez. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação: v. 15)

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

_____. **A importância do ato de ler em três artigos**. Rio de Janeiro: Cortez, 2017.

GERALDI, João Wanderley. **Concepções de linguagem e ensino de português**. In: _____. O texto na sala de aula: leitura e produção. Cascavel: Assoeste, 1984. p. 41-49.

MADEIRA, Daniela da Cunha. **As potencialidades da leitura literária no processo de formação humana dos sujeitos em provação de liberdade**. Repositório do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Vitória, 2021.

MAFESSOLLI, I.A. ; MAIA, S.R. **Entrevista com Hélder Pinheiro**, sobre o livro “Poesia na sala de aula”. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2018/entrevista-com-helder-pinheiro-sobre-o-livro-poesia-na-sala-de-aula/>. Acesso em: Mai. 2024.

MUNITA, Felipe. **Eu, mediador(a) mediação e formação de leitores**. Lauro de Freitas: Solisluna Editora: São Paulo: Selo Emília, 2024 .

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018 (Série Estratégias de Leitura, 61).

PORTELA, Gustavo Aranha. **As rodas de leitura em prisões e seus processos educativos**. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

ROSA, João Guimarães. **Magma**. João Guimarães Rosa. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

SANTOS, Leonardo Batista. **O poema em sala de aula: a vez e a voz do leitor**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, 2012.

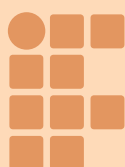
SANTOS, Leonardo Bis. **Considerações acerca do trabalho em penitenciárias: elementos para uma abordagem histórica e sociológica**. Relatório de extensão. 2002. Disponível em: <https://ppgeh.vitoria.ifes.edu.br/producao-academica?start=7>

SILVA, R. da; PASSOS, T. B.; MARQUES, M. A. Literatura Carcerária: educação social por meio da Educação, da escrita e da leitura na prisão. **Revista Científica Eccos**, São Paulo, v. 1, n. 48, p. 35-50, jan./mar. 2019.

SILVA, Roberto da. Fundamentos epistemológicos para um EJA prisional no Brasil. **Revista Brasileira de Execução Penal**. Brasília, v.1, n.1, p.59-76, jan/jun 2020.

SORRENTI, N. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TINOCO, Robson Coelho. Educação em Presídios e Leitura Literária: uma nova articulação sociodialógica. **Revista Contexto**. Vitória, n.27, Dossiê Educação Literária e Ensino de Literatura. 2015



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO
Campus Vitória



PPGEH

Programa de Pós-Graduação
em Ensino de Humanidades
Instituto Federal do Espírito Santo

